



**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA-PPGECM**



**JAIME MARQUES FERREIRA JUNIOR**

**A VIVÊNCIA DAS ADOLESCENTES GESTANTES EM  
SITUAÇÃO DE ABANDONO ESCOLAR NO MUNICÍPIO  
DE JACIARA ESTADO DE MATO GROSSO**

**BARRA DO BUGRES - MT  
2017**

**JAIME MARQUES FERREIRA JUNIOR**

**A VIVÊNCIA DAS ADOLESCENTES GESTANTES EM SITUAÇÃO DE  
ABANDONO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE JACIARA ESTADO DE MATO  
GROSSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática - PPGECM, Linha de Pesquisa Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Isabela Augusta Andrade Souza

**Barra do Bugres – MT**

**2017**

F383v Ferreira Junior, Jaime Marques.

A vivência das adolescentes gestantes em situação de abandono escolar no município de Jaciara estado de Mato Grosso / Jaime Marques Ferreira Junior. – Barra do Bugres – MT, 2017.

120 f.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - Câmpus Barra do Bugres, 2017.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabela Augusta Andrade Souza

1. Adolescente. 2. Abandono escolar. 3. Gravidez na adolescência. 4. Educação sexual/Ensino. I. Título.

CDU 37:618.2-053.6(817.2)(043.3)

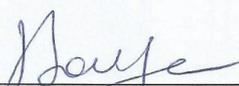
JAIME MARQUES FERREIRA JUNIOR

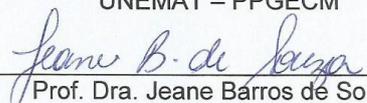
**A VIVÊNCIA DAS ADOLESCENTES GESTANTES EM SITUAÇÃO DE  
ABANDONO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE JACIARA ESTADO DE  
MATO GROSSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM - da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, *Campus* Univ. Dep. Est. Renê Barbours – Barra do Bugres, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 08 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Isabel Auguste Andrade Souza - orientadora  
UNEMAT – PPGECM

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Jeane Barros de Souza  
UFFS

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Fátima Aparecida da Silva Iocca  
UNEMAT - PPGECM

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Cláudia Landin Negreiros  
UNEMAT - PPGECM

## DEDICATÓRIA

A Deus, em primeiro lugar, por ter me concedido a oportunidade de ingressar no mestrado, e proporcionar saúde e sabedoria durante todo o percurso.

Ao meu pai e minha mãe por me conduzirem no caminho da honradez, demonstrando sempre a importância da dedicação aos estudos.

Ao meu amor, Cleidinéia, minha companheira em todos os momentos dessa jornada.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Criador, que me fortaleceu em cada minuto dessa longa jornada, renovando minhas forças, fé e esperança.

À amável orientadora, professora Dra. Isabela Augusta Andrade Souza, pela amizade, carinho, dedicação, paciência e competência nos ensinamentos tanto nas orientações, quanto na disciplina ministrada.

Agradeço a professora Dra. Irene Carrilo Beber que contribuiu durante todo o processo de dissertação.

A ex-secretária municipal de saúde de Jaciara Fabia Nogueira, enfermeiros e agentes comunitários de saúde. Além da assessora pedagógica Marily, a equipe escolar e aos adolescentes participantes da pesquisa pelos momentos tão especiais, agradáveis que permitiu a realização deste projeto.

Às queridas professoras Dra Jeane Barros de Souza da Universidade Federal da Fronteira Sul, Dra. Fatima Aparecida da Silva Iocca e Dra. Cláudia Landin Negreiros pelas relevantes contribuições nesse trabalho. Obrigado pela honra de fazerem parte da minha banca examinadora.

Aos professores (as) Dr. Jair Lopes Junior – UNESP, Dr. Adailton Alves da Silva, Dra. Cláudia Landin Negreiros, Dra. Daise Lago Pereira Souto, Dra. Isabela Augusta Andrade Souza, Dra. Maria Elizabete K. Rambo, Dra. Elizabeth Martines (UNIR) pelos relevantes conhecimentos e experiências compartilhadas nas disciplinas ministradas e durante esse processo de formação.

Aos colegas do mestrado pela alegria dos bons encontros, das experiências, risadas, lutas, angústias e pela diversidade de ideias que contribuíram para o enriquecimento do meu conhecimento.

Aos amigos, Fabio Caires de Oliveira, Maurivan Barros Pereira, Welevesley de Souza Santos, Adenilse da Silva Jesus, Rejane Riggo de Paula, Vera Cristina de Quadros, Cicero Manoel da Silva, os quais desenvolvi uma amizade que muito me auxiliou nos momentos mais difíceis dessa trajetória. Obrigado pela vivacidade dos nossos encontros.

Ao querido amigo de longa data, professor Dra. Ronaldo Eustáquio Feitoza Senra. Obrigado pelo exemplo de ousadia e determinação na busca do conhecimento.

Aos meus pais, Jaime Marques Ferreira e Maria Luiza Marques, pelo amor, carinho, pelas orações e palavras de incentivo constantes nessa jornada. Obrigado por tudo.

Ao meu irmão Jacques, enteado, cunhadas, sobrinhas, sobrinhos, tias, tios, primos, primas, sogra, sogro, amigas e amigos espalhados por todos os lugares, que estiveram me apoiando em todo o tempo, pessoalmente, por mensagens, com palavras de ânimo, amor e fé.

A minha esposa, Cleidinéia de Souza Celestino, que sempre me incentivou. Obrigado por ouvir inúmeras vezes sobre o projeto de pesquisa, por compreender a minha ausência e pelo apoio contínuo em todas as etapas desse processo. Sem o seu suporte eu não teria trilhado esse caminho. Muito obrigado meu amor!

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar a presente pesquisa.

Viver  
E não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser  
Bem melhor e será  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita

**Gonzaguinha**

## RESUMO

FERREIRA JUNIOR, Jaime Marques. **A vivência das adolescentes gestantes em situação de abandono escolar no município de Jaciara Estado de Mato Grosso** / Jaime Marques Ferreira Junior. - Barra do Bugres, 2017, 120f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Campus Barra do Bugres, 2017.

A presente dissertação refere-se a um estudo do tipo exploratório, descritivo com abordagem qualitativa, a partir da pesquisa social, tendo como objetivo compreender a vivência de adolescentes gestantes em situação de abandono escolar. Contou-se com a participação de cinco adolescentes gestantes, com idade entre 15 a 17 anos, residentes no município de Jaciara-MT. A coleta de dados foi realizada durante os meses de outubro e novembro de 2016 através de um roteiro com questões semiestruturadas. Para garantir o sigilo das participantes, foi utilizado codinome de flores para identifica-las, sendo observados os preceitos éticos em todo o percurso da pesquisa, que recebeu parecer favorável número 1.726.846, do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo, utilizando as seguintes etapas: a construção do corpus, organização das unidades de análise, o preparo das análises em tema, surgindo três categorias: A história de vida das adolescentes: o desabrochar das flores; Estou grávida! E agora, como será minha gravidez; e A adolescente gestante e a escola. Como resultados, destaca-se que a maioria das adolescentes foram surpreendidas pela descoberta da gravidez, sem planejamento. As adolescentes conhecem os métodos contraceptivos, mas tal conhecimento não se tornou em ação na sua vivência, ocorrendo a gravidez. E, conseqüentemente, atribuíram o abandono da vida escolar devido aos comentários negativos do ambiente escolar ou preconceito. Ficou evidente que suas mães também engravidaram na mesma fase da vida e a primeira relação sexual de todas as entrevistadas foram com os namorados, sendo que atualmente, residem com os respectivos pais das crianças que estão sendo geradas. Verifica-se a necessidade de uma educação sexual mais próxima à realidade atual dos adolescentes, com o desafio de uma nova abordagem a esta temática pelos professores, além da ausência de políticas públicas que os incentivem em atividades pedagógicas, de lazer e profissional. Também observa-se a necessidade de ações políticas e pedagógicas mais eficientes e divulgadas na comunidade, a fim de possibilitar que as adolescentes gestantes possam dar continuidade aos estudos, mesmo diante da maternidade.

**Palavras-chave:** adolescente, abandono escolar, gravidez na adolescência e educação sexual/Ensino.

## ABSTRACT

FERREIRA JUNIOR, Jaime Marques. **The experience of pregnant adolescents in situations of school dropout in the municipality of Jaciara State of Mato Grosso.** /Brazil. Barra do Bugres, 2017, 120f. Dissertation (Masters in Science and Mathematics Teaching) - State University of Mato Grosso, Barra do Bugres, 2017.

The present study, exploratory and descriptive, with a qualitative methodological approach, based on social research, deals with the experience of pregnant adolescents who abandoned their studies as a result of pregnancy. Semi-structured interviews were carried out with five pregnant adolescents aged 15 to 17 years, from October to November, 2016. The research aims to understand the experience of pregnant adolescents in situations of school dropout. And, the specific objectives are to know the life history of the adolescents as: relationship that generated pregnancy, marital status of their parents, work, sex education at school, first sexual intercourse, schooling and preparation for maternity. We also sought to identify the adolescents' attitudes towards pregnancy planning, whether or not they had prior knowledge of contraceptive methods. The reasons that led the adolescents to abandon their school education and other developments from this reality. In addition to knowing the perception of the adolescents regarding the performance of the school in the face of sexual education. Another relevant point was to identify the sources of support that the adolescents received from the pregnancy, evidencing it among their social relations, mainly, the family and with the father of the child, who were also the objects of this research. Data analysis was guided by social research. The following steps were used for content analysis: the construction of the corpus, the organization of the analysis units, the preparation of the analyzes in the subject, the categories and subcategories. Among the results we highlighted were: the majority of the adolescents was surprised by the discovery of the pregnancy, without planning. And, consequently, they attributed the abandonment of school life due to the negative comments of the school environment or prejudice; Another fact that their mothers also became pregnant at the same stage of life; The first sexual relation of all the interviewees was with the boyfriends and today the majority lives with the respective parents of these children who are being generated. As for school, we understand the need for a sex education closer to the current reality of adolescents with a new approach to the theme by teachers, as well as the absence of public policies that encourage them in pedagogical, leisure and professional activities, as well as political actions And pedagogical practices that enable mothers to continue their studies even during or after the birth of their children.

**Keywords:** adolescent pregnancy and school dropout, teenage pregnancy, sex education.

## LISTA DE SIGLAS

**ACS**s – Agentes Comunitários de Saúde

**AIDS** – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

**DST** – Doença Sexualmente Transmissível

**ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente

**ESF** – Estratégia Saúde da Família

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**LDB** – Lei de Diretriz e Bases

**MS** – Ministério da Saúde

**OMS** – Organização Mundial da Saúde

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PSPE** – Programa Saúde e Prevenção nas Escolas

**SINASC** – Sistema de Informações de Nascidos Vivos

**TALE** – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro1 – Apresentação das Categorias e Subcategorias.....	59
--	----

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	19
1.1 Adolescência e suas nuances .....	19
1.2 Vida sexual e a gravidez na adolescência .....	25
1.3 As políticas públicas para os adolescentes e o abandono escolar .....	34
1.4 A escola e seu papel social: uma breve reflexão teórica .....	39
1.5 O Ensino de Ciências e a Educação Sexual no Ensino Médio .....	43
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	53
2.1 Tipo de estudo .....	53
2.2 Local de estudo .....	55
2.3 Participantes do estudo .....	55
2.4 Princípios éticos da pesquisa .....	56
2.5 Coleta de dados .....	56
2.6 Organização e análise dos dados .....	58
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	60
3.1 A história de vida das adolescentes: o desabrochar das flores .....	60
3.1.1 A vida de Hortência .....	61
3.1.2 A vida de Violeta .....	63
3.1.3 A vida de Jasmim .....	65
3.1.4 A vida de Tulipa .....	68
3.1.5 A vida de Rosa .....	70
3.2 “Estou grávida ... e agora, como será minha vida?” .....	72
3.2.1 O (não) planejamento da gestação: os métodos contraceptivos e sua utilização pelas adolescentes. ....	73
3.2.2 O papel da família e sua importância no aceitar/acolher a adolescente gestante. ....	77
3.2.3 “Quem ajudou a fazer vai ajudar a cuidar? ”: a presença/ausência paterna .....	79
3.3 A adolescente gestante e a escola .....	82
3.3.1 Gravidez na adolescência e o abandono escolar .....	82
3.3.2 A percepção da adolescente gestante sobre o papel da escola diante da Educação Sexual	86
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	95
<b>6 ANEXO</b> .....	109
Anexo I – Declaração dos Direitos Sexuais. ....	109
Anexo II– Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa. ....	112
<b>7 APÊNDICE</b> .....	116
Apêndice I- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) .....	116
Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). ....	118
Apêndice III – Roteiro das Entrevistas .....	120

## INTRODUÇÃO

A gestação na adolescência é um fenômeno inquietante e considerado um problema da saúde pública, em que os adolescentes enfrentam situações que poderão acarretar no abandono escolar, podendo surgir complicações econômicas, sociais e psicológicas geradas por uma gravidez indesejada nesta fase da vida.

No mundo, por ano, aproximadamente 15 milhões de adolescentes, entre 15 a 19 anos, tornam-se mães, correspondendo a 10% dos partos realizados. Dados apontam que no Brasil, cerca de 20% das adolescentes são mães antes dos 18 anos de idade. Segundo SANT'ANNA (2009) o índice dos partos realizados em adolescentes de idade entre 15 a 19 anos, correspondem a 71 nascimentos para um grupo de 1.000 adolescentes.

Diante da continuidade dos casos de gravidez na adolescência no Brasil e no mundo, o pesquisador passou a se relacionar com a temática, quando ingressou no curso de Licenciatura em Ciências da Natureza pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, no Campus de São Vicente, considerado núcleo avançado da cidade de Jaciara (MT). Ao ser apresentado às diversas áreas de estudo e campos de atuação do profissional docente, logo se identificou com a educação e saúde, tornando-se um foco na caminhada estudantil, dedicando aos estudos, principalmente, na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Durante o período da graduação, o pesquisador atuou como professor substituto, e nesta caminhada deparou-se com adolescentes grávidas com gestações não planejadas. No entanto, estas adolescentes estavam frequentando a escola, enquanto outras já haviam desistido dos estudos por vergonha, ou por preconceito por parte dos colegas da turma.

A partir de então, surgiu o interesse em entender as histórias e as situações das adolescentes diante de uma gravidez tão precoce, a fim de oportunizar momentos de relatarem suas vivências, demonstrando suas realidades perante os motivos que as fizeram abandonar os estudos após descobrirem a gravidez.

Já com um olhar mais crítico, em 2014 o pesquisador ingressou no curso de pós-graduação em Didática do Ensino Superior, pela Universidade Cuiabá, onde buscou compreender os problemas sociais, as causas e, principalmente, o perfil dos adolescentes que são acometidos por alguma doença sexualmente transmissível.

Neste período de exerceu a função de coordenador do Programa Mais Educação. Após ministrou aulas na educação básica, nas disciplinas de Ciências para o Ensino Fundamental e nas disciplinas de Biologia, Química e Física no Ensino Médio, tendo a oportunidade de trabalhar vários temas ligados à sexualidade, gênero, DST, com assuntos pertinentes aos cuidados com a saúde.

No segundo semestre de 2015, o pesquisador foi aprovado no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, nível Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências e Matemática-PPGECM, pela Universidade do Estado de Mato Grosso no Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour – Barra do Bugres, na linha de Pesquisa e Formação de Professores de Ciências e Matemática. Assim, surgiu a oportunidade de conciliar as particularidades relacionadas à educação e saúde do pesquisador, com o tipo de abordagem desenvolvida pela orientadora do programa PPGECM, para que a proposta do presente estudo pudesse ser construída.

Mais que uma simples forma de combinar as afinidades e a trajetória dos trabalhos desenvolvidos, a motivação pessoal para realização deste estudo foi sendo, pouco a pouco, construída. Nesta perspectiva, despontou-se a seguinte questão de pesquisa: Qual a vivência das adolescentes gestantes em situação de abandono escolar?

Assim, nasceu o objetivo geral da pesquisa que é compreender a vivência das adolescentes gestantes em situação de abandono escolar, no município de Jaciara (MT). A partir do objetivo geral, elencou-se os objetivos específicos, a saber:

- Conhecer a história de vida das adolescentes, caracterizando-as quanto ao relacionamento que gerou a gravidez, situação conjugal dos pais, educação sexual na escola, primeira relação sexual, escolaridade.

- Identificar as atitudes das adolescentes frente ao planejamento da gravidez, evidenciando o conhecimento prévio que obtinham quanto aos métodos contraceptivos.
- Desvendar os motivos que levaram as adolescentes a abandonar a sua formação escolar, e os desdobramentos de outros problemas a partir de tal realidade.
- Conhecer a percepção das adolescentes quanto a atuação da escola diante da educação sexual.
- Identificar as fontes de apoio que as adolescentes receberam a partir da gravidez.

O fenômeno da gravidez na adolescência e sua relação com o abandono escolar, foi se constituindo, no decorrer da pesquisa e produção bibliográfica. O grau de envolvimento se aprofundou com o tema tanto por meio da revisão da literatura científica, como também por meio dos procedimentos de análise das entrevistas, uma vez que tivemos a oportunidade de vivenciar a realidade das adolescentes grávidas. Para tanto, objetivo não foi apresentar um produto final, mas uma reflexão sobre a temática, afinal esta realidade parece estar cada vez mais presente no cotidiano, do ambiente escolar.

Durante o processo da pesquisa, a partir dos estudos teóricos e na prática, ao entrar em contato com as adolescentes, foi possível refletir sobre as vivências do que é estar grávida na adolescência e seus desafios. A partir desta rica experiência, foi possível compreender um pouco da vida das adolescentes, tornando possível estabelecer novas reflexões sobre este fenômeno, e assim repensar em novas estratégias possíveis de como agir profissionalmente em determinadas situações.

Diante das estatísticas que só aumentam, não há como negar, que a gravidez na adolescência é um assunto relevante, pois este índice a cada dia aumenta no Brasil, justificando a continuidade de estudos na área. Mais do que números, sabe-se que há repercussões entorno social, e em particular, na vida das adolescentes que ocorre por vários fatores como: a instabilidade emocional, o isolamento social, o caso de abandono escolar de maneira definitiva ou temporária, além de estabelecer relacionamento instável com o

parceiro, riscos de complicações pré e pós-parto e entre outros. (YAZLLE, 2006).

Esta pesquisa, apesar de fazer um recorte da gravidez na adolescência e o abandono escolar em uma cidade do Mato Grosso, buscou apresentar dados não só localizados, mas também contextualiza o tema escolhido através da trajetória acadêmica do pesquisador. E nesta perspectiva destaca-se o trabalho em educação e saúde e o processo de formação profissional de graduação, especialização e mestrado. Pois, a partir destas vivências no cotidiano das adolescentes grávidas no Ensino Médio, as quais abandonaram os estudos em decorrência da gestação, permitiram-nos um olhar social para além das estatísticas ou mesmo da especificidade da saúde. Ampliando, assim para a compreensão das relações familiares, escolar e afetivas destas adolescentes em questão, pois se trata de um fenômeno complexo. Assim, há tentativa a partir deste trabalho de contribuir na compreensão dos profissionais e quem sabe das futuras ações para minimizar esta realidade.

Para maior compreensão e organização, a pesquisa será apresentada em forma de capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se uma revisão bibliográfica da temática escolhida, apontando as características sociais e pessoais das adolescentes; o abandono escolar e as políticas públicas que emergem neste espaço, buscando qual o papel da escola, enquanto instituição social no ensino de ciências e a educação sexual para o Ensino Médio.

O capítulo seguinte, retrata a caminhada metodológica da pesquisa com os referenciais teóricos qualitativos fundamentados em uma pesquisa social. O corpus da pesquisa foi realizado por análises das entrevistadas, das produções dos dados e do processo de construção através do local escolhido para o estudo. E, durante a investigação foram respeitados os princípios éticos dos participantes.

O terceiro capítulo se dedica a apresentar os resultados e discussão dos dados da pesquisa, evidenciando o perfil das participantes do estudo, a história de vida das adolescentes a partir da gestação e a vivência da gravidez na adolescência. O mesmo capítulo também aborda sobre a importância do apoio à adolescente gestante e sobre sua percepção quanto ao papel da escola na educação sexual.

Em seguida, apresenta-se as considerações finais buscando sintetizar os argumentos apresentados ao longo do estudo.

## **1 REVISÃO DA LITERATURA**

Para fundamentar e construir este estudo, foi realizada uma revisão sobre a temática literária englobada pelos tópicos: a adolescência e suas nuances, vida sexual e gravidez na adolescência, as políticas públicas para os adolescentes, e abandono escolar, e reflexões sobre a escola como uma instituição social, o ensino da disciplina de Ciências e a Educação Sexual para o Ensino Médio. Para tanto, buscou-se em livros, banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e artigos científicos que abordam a temática.

### **1.1 Adolescência e suas nuances**

O período correspondente à faixa etária da adolescência difere segundo cada órgão oficial. Neste sentido, a adolescência foi determinada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o período compreendido entre os 10 a 19 anos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2015). Na Organização das Nações Unidas (ONU) é considerado adolescente, os jovens entre 15 e 24 anos de idade (EISENSTEIN; COELHO, 2008). Já nos órgãos oficiais do Brasil, sendo eles o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério da Saúde (MS) consideram adolescentes com idade entre 10-19 e 12-18 anos, respectivamente (BRASIL, 2010; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010a). O Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, adota a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (BRASIL, 2014).

Importante salientar a fase da adolescência não existe em um período exato com início e término claramente definidos, pois ultrapassa os aspectos biológicos e cronológicos individuais, deparando-se na realidade social, histórica, cultural e psicológica (SENNÁ; DESSEN, 2012). A sua compreensão pode ser estabelecida por meio das relações vivenciadas como: sexo, etnia, idade, cultura e classe social que são considerados elementos básicos na construção do ser adolescente (OZELLA; AGUIAR, 2008).

Nesta fase da vida, os indivíduos se encorajam em alcançar os objetivos estabelecidos nas expectativas da sociedade em que estão imersos (EISENSTEIN, 2005). Portanto, ser adolescente é vivenciar uma fase de

inúmeras mudanças, refletidas nos aspectos psicológicos e no corpo físico (FERREIRA et al.2007).

Durante a puberdade, o processo biológico que os adolescentes passam, caracteriza-se pelo acontecimento de mudanças no sistema reprodutivo, divididos em duas fases. A primeira, os órgãos sexuais como: a próstata, as glândulas seminais nos garotos, o útero, os ovários e a vagina nas adolescentes sofrem modificações estruturais relevantes. Na segunda fase, desenvolvem características sexuais secundárias em que nas adolescentes, há o surgimento dos pelos pubianos e o aumento das mamas. Já nos garotos, aparecem pelos pubianos, o crescimento da genitália da bolsa escrotal e dos testículos, além da mudança da sonoridade da voz (EISENSTEIN; COELHO, 2008; SANTROCK, 2014).

O processo de maturação sexual é percebido em outras mudanças biológicas como: as dimensões corporais de tamanho, forma, quantidade tecido adiposo, massa muscular, na aceleração de crescimento e estirão puberal. Este processo é caracterizado por mudanças em diferentes funções com as alterações psicossociais e comportamentais representado na fase da adolescência (EISENSTEIN; COELHO, 2008; SANTROCK, 2014).

É relevante esclarecer que durante este período, as funções e características de variabilidade genética, diversidade humanas e psicossociais que acontecem durante o período de “assincronias de maturação”, pode variar de pessoa para pessoa (EISENSTEIN; COELHO, 2008; SOLIMAN et al., 2014). Portanto, a idade cronológica não é a melhor alternativa para descrever os adolescentes, embora seja utilizado por diversos os órgãos oficiais nacionais e internacionais para delinear os estudos acadêmicos (EISENSTEIN; COELHO, 2008).

Conceituar adolescência é transcender para além das mudanças biológicas, incorporando nas construções sociais ocorridas durante a etapa da vida. Ou seja, adolescência é plural, não sendo possível compreendê-la no singular, pois cada garoto e garota vivenciam e compartilham experiências distintas, sejam elas no patamar psíquico, físico ou social (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2011; ROEHRS; MAFTUM; ZAGONEL, 2010; ROZENBERG, 2010).

É uma fase onde eles adquirem experiências oriundas das influências sociais tanto no ambiente familiar, quanto no social como na igreja, escola e na própria interação interpessoal e entre outros meios de convívio. Neste sentido, a educação passa a ser um excelente “*locus*”, onde o mundo adulto oferece aos mesmos, inúmeras orientações que podem ser absorvidas/influenciada, dependendo da forma que são constituídas as relações, podendo ser adquiridas sem questionamentos ou sendo refutadas (RUZANY, 2008).

Os adolescentes conhecidos como “geração Y”<sup>1</sup>, os quais estão conectados e imersos freneticamente no meio tecnológico, principalmente na internet, estão passando por mudanças no estilo de vida: na convivência social, familiar e escolar. São eles que se beneficiaram, de modo geral, das conquistas globais, oriundas do combate à mortalidade infantil, desnutrição, acesso à saúde, educação, moradia, saneamento básico, e mesmo assim, passa pela desigualdade econômica, classe social, hegemonia de gênero, de raça e etnia (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2014).

Para a compreensão da complexidade social e o enfrentamento das diferenças tanto social quanto econômica, o papel da escola passa a ser imprescindível, pois é um ambiente que deve promover a interação e a inclusão entre as pessoas. Porém, quando nos referimos aos estudantes adolescentes, como é o caso da atual pesquisa, notamos que as diferenças e as intolerâncias podem ser ainda mais relevantes por eles. Pois, muitas vezes, algumas situações corriqueiras, como por exemplo, dogmas religiosos diferenciados que cada pessoa conhece ou até mesmo concepções de mundo diversificadas daqueles compartilhados pela família (FREIRE; AIRES, 2012) podem se tornar um motivo para que haja um conflito maior.

Para almejar a inclusão social, a educação escolar tem papel fundamental, pautada na ética, justiça social, valores da liberdade, solidariedade, sustentabilidade e pluralidade no intuito de garantir o pleno desenvolvimento das pessoas nas dimensões sociais e individuais dos

---

<sup>1</sup> Geração Y, é a geração das pessoas que nasceram após os anos 80, são as pessoas conhecidas também por serem chamadas de geração do milênio ou geração da internet, que surgiu exatamente por essa época (COMAZZETTO et. al. 2016)

cidadãos, claramente conscientes de seus deveres, compromissos, direitos e comprometimentos com a mudança social a qual está inserida (BRASIL,2013).

Para garantir os direitos dos adolescentes de maneira saudável, a presença dos adultos é primordial, sendo eles: os educadores, pais, familiares, vizinhos, amigos, profissionais ou pessoas que de alguma maneira, relacionam-se com estes jovens e possam norteá-los em suas decisões. E, para que realmente contribuam no desenvolvimento destes, os adultos necessitam permitir que haja respeito nas formas não só de tratamento, como também em atitudes e traga o diálogo de maneira saudável para construir os limites e cuidados, garantindo o desenvolvimento integral destes jovens (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2011).

Assim, a atenção voltada aos adolescentes, origina-se das questões norteadas por suas condutas e costumes, tendo como princípio uma frequência entre o correto e o errado e deixando ausente o campo da ética. Desta forma, a sociedade é formada por um conjunto culturas que constituem aos adolescentes suas normas/regras e ideologias; práticas e atitudes que podem futuramente influenciar de maneira negativa ou positiva na sua formação humana e profissional. Logo, percebe-se que o ambiente escolar é o reflexo do meio externo do aluno. Para tanto, é imprescindível problematizar a conjuntura da instituição escolar, por exemplo, caso a mesma não esteja correspondendo às expectativas dos indivíduos que a integram. (BRASIL, 2013; RUZANY, 2008).

O processo de adolecer se inicia no ambiente familiar, pois se considera momento primário das relações pessoais do indivíduo. Dessa forma, é preciso criar um espaço para o acolhimento das contestações, incertezas e dúvidas que surgem durante o período. Além de proporcionar um crescimento da capacidade de superar as diferenças que aparecerão na construção da identidade. Porém, observamos que a família, em alguns casos, também é produtora e geradora de inúmeras formas de violência e conflitos que poderão inibir no progresso e desenvolvimento infanto-juvenil, considerado possível potencializador da violência social (GOMES et al., 2010).

Nessa perspectiva, entende-se que o convívio dos adultos na vida dos adolescentes deve colaborar no acesso ao diálogo, promovendo interações

entre as gerações, uma vez que os adolescentes são criativos, ansiosos e cheios de energia e estão dispostos a novos desafios. Já os adultos têm maior experiência e práticas, possibilitando, portanto, um ambiente de troca de conhecimentos, fundamentais para o processo intelectual do indivíduo (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2011).

A convivência entre pais e filhos necessita ser saudável, flexíveis e bem dialogada que possibilite uma proximidade e liberdade para os adolescentes exporem suas opiniões, agirem conforme suas condutas e terem a liberdade de pedirem auxílio em situações, que muitas vezes sozinhos não conseguem resolver. Outra fase da adolescência corresponde no início do processo de afastamento, quando consegue ultrapassar graus de independência. Essa etapa necessita de esforços concentrados de todos os membros da família, moldando por meio das funções de uns em decorrência de outros, para se reorganizarem. Os filhos adolescentes valorizam os próprios relacionamentos de maneira independente, podendo invariavelmente precisar de ajustes familiar, incluindo os avôs, pais e outros membros que fazem parte do círculo pessoal. (MOREIRA, 2008).

O adolescente está inserido em dois ambientes fundamentais: primeiro está relacionado com o ambiente familiar. Já o segundo corresponde as redes sociais onde está em constante contato de modo virtual com os amigos, a escola, a comunidade e entre outros grupos, ou seja, compreender os adolescentes é entender esta dualidade de convívio pessoal e virtual (MOREIRA, 2008). Durante o mesmo período em que depende economicamente e emocionalmente da família, o adolescente já tem autonomia para construir suas relações pessoais e em grupo, em alguns casos, desconhecidos pelos membros da família. As perspectivas dos membros da família em relação a autonomia do adolescente, estabelece as diferenças entre cada membro e as situações de controle destes em relação a autoridade dos pais (MOREIRA, 2008).

É importante destacar que durante a adolescência, este poderá atravessar momentos de sentir-se injustiçado, confuso, inseguro, instável, angustiado, desequilibrado, desmotivado, incompreendido pelos pais e professores que poderá ocasionar problemas de relacionamento com as

pessoas de seu convívio social (PRATTA; SANTOS, 2007). Nestas circunstâncias, atribui-se a concepção de que o adolescente ainda não possui maturidade satisfatória para se responsabilizar por suas atitudes e escolhas, que contribuem para transgressão (BERTOL; SOUZA, 2010).

Perante o exposto anteriormente, para se atribuir às adolescentes responsabilidades, primeiramente o mesmo deve ser inserido por meio da inclusão à cidadania integral, proporcionando condições para que possam desfrutar dos seus direitos de cidadãos. E, nessa perspectiva a cidadania precisa acompanhar as diversidades relacionadas às políticas, culturais, sociais e econômicas, pois, quando forem atribuídos aos conceitos conservadores e ultrapassados estes ficarão mais afastados da realidade social (NICKNICH, 2008).

A adolescência não é uma etapa igual para todos, mesmo que sejam integrantes da mesma cultura. Há os que perpassem por essa etapa da vida sem enfrentar dificuldades de adequação, problemas ou qualquer transtorno. Mas também há adolescentes que irão conviver com as turbulências e os conflitos e problemas e precisarão de apoio, principalmente da família (PRATTA; SANTOS, 2007; SANTROCK, 2014).

Durante algumas pesquisas, percebemos que o Brasil está marcado por um crescimento demográfico acentuado, caracterizado pela população de adolescentes entre 12 a 17 anos, chegando a 21.083.635, equivalendo a 11% da população total do país (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2011). Na história, nunca aconteceu tal evento, sendo possível que não aconteça o mesmo crescimento em curto prazo, elevando o índice de adolescentes. Ou seja, este é momento propício e único para proporcionar às crianças e adolescentes os avanços conquistados durante as últimas décadas, nas áreas da educação, inclusão social e saúde fortalecendo as políticas públicas vigentes e incentivando novos projetos que garantam os direitos das crianças e adolescentes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010b; FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2011).

## 1.2 Vida sexual e a gravidez na adolescência

Para se falar de gravidez na adolescência é imprescindível mencionar o processo de constituição da identidade do adolescente, dos ensinamentos, das experiências, dos exemplos que recebeu durante o convívio social e familiar ou a ausência destes. Por meio dessa construção os adolescentes poderão sentir as influências deste meio social em menor ou maior intensidade, o que poderá ter um efeito norteador dos caminhos adotados na fase adulta.

Brêtas e Silva (2005), indicam que a sexualidade é construída pelas experiências de cada pessoa, e passa por influências dos grupos sociais que o adolescente participa, carregadas de ideologia e opiniões diferenciadas.

A descoberta da sexualidade é marcante na adolescência, porém é uma etapa que não está no mesmo nível de amadurecimento psicológico e físico indivíduo. E, que de certa forma influenciará na fase adulta na inserção social, a constituição da autoestima e nos relacionamentos que virão acontecer.

Quando refletem sobre a sexualidade na adolescência, muitos interpretam que as adolescentes ao praticarem sua sexualidade estão almejando o prazer de se reconhecer, e não somente o prazer no ato sexual em si. Nessa visão, o sujeito ao sustentar-se na condição de intérprete de fato se caracteriza e iguala aos demais seres humanos, em julgar o outro sem compreender.

Para tanto, a sexualidade é apresentada aos adolescentes envolvidas por incoerências informativas sobre riscos e prazer, estabelecida pela ambiguidade de seus interlocutores. Porém, a curiosidade passa a controlar os estímulos e logo os adolescentes começam a desvendar o sentido do prazer e do sexo que são somente conhecidos na prática. Ou seja, na troca de experiências que os levam ao conhecimento do outro e de si. A aparição desta verdade<sup>2</sup> tem significado quando o pai, a mãe, ou amigos poderiam ser o caminho de esclarecimento sobre o real assunto. Dessa forma os

---

<sup>2</sup> O discurso filosófico, propondo uma verdade ideal como lei do discurso, fortalece essas formas de controle do discurso que são as formas de exclusão (CASTRO, 2009 p.422)

adolescentes são enquadrados como interpretadores da sexualidade e de si mesmo. E, ao executar, espera-se que o outro ajude a revelar a tal verdade escondida e auxilie a desvendar o desconhecido (FOUCAULT, 2015).

Nessa direção, se ressalta a importância de discutirmos o desenvolvimento da sexualidade na perspectiva dos adolescentes, que estão relacionados à educação e a saúde dos jovens, além das práticas e atitudes que são ou poderão ser adotadas nas relações de descoberta, prazer, amor e curiosidades.

Esta fase da adolescência nos remete a várias questões de vulnerabilidades e os autores Costa e Bigras (2007, p. 105) lembram da importância do atendimento e valorização de diversos fatores, ao se analisar possível vulnerabilidade dos adolescentes, indicando que:

No que diz respeito à infância e adolescência, as peculiaridades biopsicossociais relacionadas ao processo de crescimento, desenvolvimento pessoal (maturidade emocional e intelectual) e inserção social caracterizam este grupo como de alta vulnerabilidade aos agravos sociais [...] (COSTA; BIGRAS, 2007 p.105).

Neste caso, se remete a uma vulnerabilidade em especial, que é a questão da descoberta da sexualidade nesta fase do desenvolvimento, embora a mesma esteja presente em todas as etapas da vida. Ainda nos dias atuais nota-se que há certos receios em questões de mitos, tabus, preconceitos e práticas de poder que inibem os diálogos e a compreensão deste assunto, o que, na realidade deveria ser tratado com naturalidade por todos (BRASIL, 2007).

A sexualidade no universo dos adolescentes é constituída por novas experiências, sensação de liberdade, descobertas, tentativas de construir responsabilidade para assumir decisões, buscar identidade e autoafirmação. Porém, as políticas públicas de educação e saúde desprestigiam os aspectos que também são relevantes à sexualidade humana, como os conceitos de emoção, de desejo e amor desconsiderando-os apenas como sentimentos e significados que são apresentados pelos adolescentes.

Nessa direção, Borges e Schor (2005) afirmam que o início da vida sexual dos adolescentes torna-se, normalmente, o marco na vida reprodutiva dos jovens, tornando-se importante compreender os aspectos que aconteceram, pois, os mesmos assumem relevância durante a trajetória amorosa e afetiva dos adolescentes.

Os estudos voltados à sexualidade humana, (HEILBORN et al. 2006), contribuíram relevantemente na compreensão das significações dos adolescentes em relação ao assunto. É importante evidenciar que a descoberta da sexualidade está relacionada aos diversos aspectos, e não, exclusivamente, à experiência do ato sexual, propriamente dito. Dessa maneira, (HEILBORN et al. 2006, p.35) indicam que:

“[...] a adolescência caracteriza-se por diversas transições, sendo a passagem à sexualidade com o parceiro a de maior repercussão. O aprendizado da sexualidade, contudo, não se restringe àquele da genitalidade, tampouco ao acontecimento da primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação pessoal e de impregnação pela cultura sexual do grupo, que se acelera na adolescência e na juventude. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual. (HEILBORN et al.2006 p.35).

Perante o exposto, é necessário dialogar sobre as situações inerentes ao aprendizado da sexualidade e a maneira como estas influenciam no desenvolvimento humano. As mudanças da vida socioeconômicas e culturais das últimas décadas têm propiciado à adesão de novas atitudes, hábitos e comportamentos. O empoderamento da mulher nas relações ao trabalho; nas decisões pessoais como o uso do anticoncepcional; a liberdade de desistir da gestação e entre outros provoca uma série de mudanças nos padrões normatizadores da sociedade, principalmente no que tange às mudanças sexuais (por exemplo, mudanças físicas, como as operações de genitálias em situações dos transgêneros) ou de comportamento.

É evidente que há influência da mídia com os programas de massa que está interferindo decisivamente na vida sexual humana, instigando

muitas vezes o início da vida sexual dos adolescentes de maneira precoce, conhecida hoje como fase da “pré-adolescência”<sup>3</sup>. Porém, as experiências acontecem de formas distintas entre os adolescentes, pois permanecem ainda desigualdades de gênero, culturais, étnicos, socioeconômicas e a discriminação da orientação sexual nas escolas (COSTA E BIGRAS, 2007).

O ambiente onde o adolescente está inserido influencia e reflete no desenvolvimento da própria sexualidade, podendo ser constatado no estudo de Damiani (2005, p. 37):

[...] as atitudes e comportamentos relativos à sexualidade relacionam-se diretamente à cultura do indivíduo, que varia com o local, a época e as circunstâncias. Os papéis sexuais designados ao indivíduo para que ele se porte são determinados pela sociedade, que rotula o “moral” e o “certo” (DAMIANI, 2005, p.37).

Nesta condição, pode-se apontar que a partir de determinados ambientes ou contextos de aprendizagens do cuidado, das orientações, do suporte emocional, das experiências prévias e da confiança no mundo e em si a sexualidade poderá influenciar positivamente, na segurança emocional e na própria maturidade da pessoa. Porém, se acontecer num ambiente oposto do sentido saudável, democrático e positivo, a sexualidade poderá se tornar experiência desagradável e frustrante. Logo, contribuiria para os adolescentes problemas de instabilidade emocional, como por exemplo afetando a autoestima e entre outros pontos psicológicos.

Segundo Ramos (2001) os adolescentes devem ter seus direitos reprodutivos e sexuais respeitados, assegurando o pleno desenvolvimento de uma sexualidade saudável. Questões como: direito a autonomia sexual, liberdade sexual, igualdade sexual, privacidade sexual, expressão sexual, livre associação sexual, ao prazer sexual, à escolha reprodutiva livre e responsável são baseadas em fundamentos científicos compreendidas na saúde e na

---

<sup>3</sup> Pré-adolescência é a fase prévia ao início da puberdade, que busca a independência em relação aos pais, porém, não são mais crianças, mas ainda não são adolescentes (MACEDO, 2013)

educação sexual. Vale ressaltar que são direitos aprovados na declaração do XV Congresso Mundial de Sexologia (ANEXO I).

Os adolescentes têm o direito de ter ou não filhos, decidir livremente a quantidade de filhos e o período de tempo entre os nascimentos; garantir o direito da adoção; o direito a reprodução sem discriminação; da violência ou repressões; o direito aos serviços de saúde de qualidade com características às necessidades reprodutiva integral, nas matérias de nutrição, educação, saúde reprodutiva, orientações e promoções; o direito as capacidades criativas, garantido acesso aos meios de informação, podendo almejar o grau mais ascendente de saúde reprodutiva, inerentes às medidas de autocontrole da fertilidade e assistência a gravidez. Como percebemos os direitos estão sempre pautados nas relações fundamentais de respeito às crenças e valores religiosos e culturais do indivíduo (RAMOS, 2001).

Dessa forma, desrespeitar esses direitos agregados à ausência de diálogo e à desvalorização das necessidades e potencialidades dos adolescentes, pode provocar prejuízos aos mesmos, acometidos em fatos que, provavelmente, não ocorreriam se os adolescentes tivessem chances diferenciadas.

A gravidez na adolescência é decorrente de diferentes fatores, sendo eles: o desconhecimento da sexualidade pelas vivências ou experiências oriundas da carência afetiva, desequilíbrio emocional, desconfiança, autoafirmação, pode ser considerada como desafio pessoal entendida como uma “prova de amor” e dentre outros motivos. Não havendo uma conscientização do que realmente significa o “sexo” em um relacionamento, pois acaba sendo tão pressionado o fato que esquecem de tomar certas medidas preventivas e cuidados específicos. E, conseqüentemente, estas relações sexuais poderão decorrer a uma gravidez não planejada ou de alguma doença sexualmente transmissível (HEILBORN et al. 2006).

Existem inúmeras pesquisas que apresentam declínio da taxa de fecundidade feminina. Essa diminuição não atingiu todas as faixas etárias. Por exemplo, entre as adolescentes de 15 e 19 anos aumentaram estão neste índice como afirma LEITE (et al. 2004). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010a) aponta o crescimento dos índices de gestação na

adolescência, sendo que 18,4% das adolescentes engravidaram durante os anos de 2009 a 2010 na faixa etária entre 10 e 19 anos. No mesmo levantamento, verificou-se que no estado de Mato Grosso 20,9%, que correspondem 10.919 crianças nascidas vivas de filhos (as) de mães adolescentes.

Em 2015, no Brasil, as adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, correspondem a 17,26% (520.864) de nascimentos vivos. Em Mato Grosso chegou ao patamar de 18,58% (10.535) nascimentos, sendo que em Jaciara, registrou-se 25,72% (125) nascidos vivos de mães com idades entre 15 e 19 anos índice de 8,46% maior do que a média nacional (BRASIL, 2015).

Ratificando os autores que mencionam a influência dos fatores socioculturais inserido pelo meio do indivíduo, os estudos de Borges e Schor (2005) apontam que esta situação da gravidez na adolescência está englobada, especialmente, entre as adolescentes com menor escolaridade, de classe social baixa e negra de centros urbanos. Dentre outros prováveis fatores está atribuída ao início cada vez mais cedo das relações sexuais.

Segundo estudos de Godinho et al. (2000), os autores destacam entre os prováveis “fatores” da gravidez na adolescência: a ociosidade, o desajuste familiar, a prova de confiança e amor ao parceiro e entre outros que podem contribuir para o início da vida sexual, sem a devida atenção e cuidados. Ou seja, aumentando a possibilidade de uma gravidez indesejada. Outros fatores preponderantes para a ocorrência deste problema estão relacionados: na falta de orientação sexual nas escolas, pois muitas vezes os pais não conseguem ter a liberdade ou o diálogo para explicar aos filhos sobre o assunto; ou é a ausência de políticas públicas de planejamento familiar nos serviços básicos de saúde.

Nessa mesma pesquisa, os autores mencionam o que denominam de motivos distinguindo os perfis das gestantes adolescentes por: escolaridade incompatível com a idade e renda familiar baixa; ausência de orientação em relação aos métodos anticoncepcionais, o despertar da sexualidade e a vontade deter filho para dar sentido à vida, sendo estes e entre outros os motivos para engravidar.

Em relação a escolaridade com baixo nível educacional há outros autores que também afirmam o mesmo. E para as pesquisas de comportamento reprodutivo e sexual das adolescentes, segundo Leite, et, al (2004, p. 477) apontam que:

O nível educacional das adolescentes aparece como o mais importante determinante do seu comportamento sexual e reprodutivo. Adolescentes com cinco ou mais anos de escolaridade são menos propensas a ter a primeira relação sexual; mais propensas a usarem algum método anticoncepcional na primeira relação; e apresentam riscos mais baixos de ter filhos, em comparação com adolescentes, com até quatro anos de estudo [...] (LEITE, et, al, 2004, p.477).

A gravidez na adolescência está imersa a um contingente de fatores, sendo importante considerar os aspectos oriundos das curiosidades e aspirações das adolescentes. Pois variando a maneira como serão administradas, os resultados poderão ser menos ou mais relevantes em suas vidas.

É relevante ressaltar a discussão do papel significativo do primeiro contato sexual, da concepção da genitalidade, dos desejos e das sensações oriundas das descobertas da sexualidade. Essas situações são marcantes, mas não predominantes, que possam representar todas as modificações e atitudes ocorridas na vida sexual dos adolescentes. É importante valorizar as construções influenciadas da educação, família, sociedade e amigos e entre outros. Nota-se que a mídia interfere nas escolhas individuais. A mesma que divulga informações, que aguça o desejo de consumo, a vontade do conhecimento, também desperta a necessidade de experimentações, do conhecer o novo carregadas de ideias de felicidade superficial, obtida pelo meio de um prazer efêmero. Ou seja, a mídia interfere diretamente nas atitudes relacionadas aos adolescentes.

Os autores, Meyer, Kleian, Andrade (2007, p.221), confirmam que:

Nessa cultura, de forma muito ampla, o prazer, a felicidade e a saúde, por exemplo, tornaram-se imperativos, sendo o amor e a sexualidade definidos como ingredientes indispensáveis para que esse prazer, essa felicidade e essa saúde se realizem. E a vivência deste prazer muito frequentemente, está associada à disposição e à capacidade de enfrentar e de correr determinados riscos, que atualizam uma relação que, historicamente, se faz entre prazer e perigo [...] (MEYER, KLEIN, ANDRADE 2007, p.221).

E nesta perspectiva Persona, Shimo e Tarallo (2004) mencionam que o desejo inconsciente ou consciente de engravidar está relacionado ou poderá ser influenciado por reações como: não perder o companheiro, não querer morar na casa dos pais, afirmar-se, a femininamente que por meio da gravidez, pode-se encontrar no filho um sentido na vida. Porém, estes pesquisadores reforçam os questionamentos oriundos do desconhecimento ou utilização imprópria dos métodos contraceptivos, a carência das orientações sobre sexualidade e a fisiologia.

Para Borges e Schor (2005), a ausência de informações provoca lacunas entre a disponibilização de informações e a real mudança de comportamento dos adolescentes. Os aspectos inerentes as experiências, conhecidas como pré-sexuais, necessitam de destaque e devem ser ressaltadas como o beijo, o namoro, as relações sexuais que se constituem para o caminho da vida sexual entre os adolescentes.

As consequências provenientes de uma gravidez na adolescência poderão afetar diretamente o futuro destas adolescentes. Uma vez que a gestação durante essa fase da vida influenciará diretamente na rotina, pulando etapas significativas e valiosas que fazem parte da construção da identidade do indivíduo, pois adiantará as escolhas e restringindo-se de algumas experiências. E, neste ponto que ocorre o abandono da vida escolar, devido as inúmeras responsabilidades que surgem. E dessa maneira a vida profissional fica a desejar, em um segundo plano e menos chances de admissão no trabalho (ESTEVES; MEANDRO, 2005).

Inúmeros estudos apontam que a gravidez possibilita o abandono escolar, e conseqüentemente há o afastamento dos amigos, além de sofrerem com o desrespeito, a culpabilização e desajuste familiar. E,

concomitantemente a estas questões sociais estão ligadas a uma probabilidade da perda de chances e da inserção no mercado de trabalho. Já na questão emocional mostram-se menos confiantes e maduros para encararem relacionamentos duradouros. Ou seja, fatores que ocorrem não só durante a gravidez, mas também no transcorrer da vida das adolescentes, segundo o que demonstram os autores Godinho et al, (2000, p. 28):

[...]o expressivo número de adolescentes que abandonam seus estudos devido à gravidez pode ter relação com a vergonha destas meninas mais jovens em assumirem-na, de enfrentarem os colegas e professores, pois estão muitas vezes sozinhas. A saída mais fácil acaba sendo o abandono escolar já no início da gravidez [...]. Essas garotas, com baixa escolaridade, têm menor chance frente a um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e, mesmo quando conseguem colocação, isso se dá em atividades com baixa remuneração[...] (GODINHO, et al. 2000, p.28).

No tocante ao abandono escolar, além da redução das possibilidades de trabalho, Damiani (2005, p.17) destaca as implicações negativas de uma gestação nessa fase ao descrever que “[...] uma gestante jovem pode apresentar insatisfação, baixa autoestima, rejeição social, ansiedade, depressão, frustração”.

Os autores, Esteves e Menandro (2005) complementam que estas implicações negativas também possibilitam o aumento dos problemas na construção de uma vida sexual e do descontrole da fecundidade. Que resultam na dificuldade de formar uma família estruturada, com instabilidade conjugal, dependência financeira, até mesmo pela pressão psicológica há fatos de abandono familiar, situações de preconceito, além da violência doméstica.

O impacto social e emocional das mães adolescentes trazem consequências preocupantes que influenciam na saúde da gestante e do recém-nascido. São problemas relacionados aos elevados índices de mortalidade materna, altos riscos de aborto, dificuldades no trabalho do parto e, conseqüentemente, a prematuridade (LEITE et al. 2004).

Muitos adolescentes, a partir do seu meio social, são influenciados, despertando desejos, prazeres e curiosidades sem se preocuparem com os cuidados preventivos, sofrendo algumas consequências para a vida inteira, como no caso de uma gravidez não planejada, o abandono da escola, a falta de apoio tanto da família quanto dos amigos e sem base estrutural/econômica para a construção da sua própria família. Dessa forma, compreender os programas das políticas públicas e os objetivos passa a ser um caminho para se evitar a evasão escolar.

### **1.3 As políticas públicas para os adolescentes e o abandono escolar**

O abandono escolar, em decorrência da gravidez na adolescência, apresenta dentre alguns motivos: as relações familiares, situações de proteção e risco, o papel social da escola, o não conhecimento sobre métodos contraceptivos e as condições sociais inerentes deste fenômeno.

Dentro destes fundamentos, salientamos as normas legais, que segundo Ferreira et al. (2007), indica no art. 277 da Carta Magna de 1988, que adverte a obrigação da família, do Estado e da sociedade garantir às crianças e aos adolescentes o direito pleno à saúde, à educação e à vida.

A Lei 8.069 de junho de 1990 referente ao Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, tem o objetivo central de assegurar “[...] os direitos da criança e do jovem, numa perspectiva condizente com sua condição de pessoa em desenvolvimento e que, por sua vulnerabilidade, merecem proteção integral: física, psíquica e moral” (BRASIL,2014, p.114)

No ECA, em relação à educação, no Título IV, que trata dos Direitos à Educação, à Cultura, ao Esporte e Lazer, no art. 53º, é mencionado que: “[...] a criança e ao adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. Em especial, o inciso aponta a “[...] I - igualdade das condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 2014, p.32)

Dessa maneira, o Estatuto estabelecido pelo artigo 227 da Carta Magna, garantiu às crianças e aos adolescentes preferência na seguridade

dos seus direitos de cidadão brasileiro. Essa causa foi uma batalha coletiva de inúmeros setores da sociedade organizada, que ajudaram a aprovar esta Lei, a qual está contribuindo para promover a seguridade das condições de igualdade dos direitos, dos deveres a serem respeitados e constituídos para garantir esses direitos como indivíduos (BRASIL, 2014).

No cenário mundial, o Brasil é apontado como um dos países que apresentam índice alarmante superior a 50 recém-nascidos vivos, por cada 1000 mulheres grávidas, que ocorrem durante a adolescência (OMS, 2010). As pesquisas revelam que a gravidez na adolescência influencia diretamente no abandono escolar e, concomitantemente a baixa escolaridade (ABECHE, 2002).

O abandono escolar, segundo registros do IBGE (2010a), chega aos 10%, no primeiro lugar entre todos os países que formam o Mercosul. Este fator, segundo dados do mesmo instituto, que ocorre entre as adolescentes de 10 a 17 anos que tiveram seus bebês, cerca de 6,1% não estudavam. Porém, entre as que continuaram os estudos após a gravidez e pararam de estudar depois chegou a 75,7%.

Caracterizar os fatores de evasão ou abandono escolar é um acontecimento marcado por diversas circunstâncias sejam relacionados à escola, aos estudantes, familiares ou pela própria comunidade que fazem parte. Este fenômeno decorre de situações diversas, e não somente como um período específico na trajetória de vida do adolescente. Assim considera-se este acontecimento como o período acumulativo e dinâmico no processo de desestruturação da escola (RUMBERGER, 2006).

O ambiente escolar é um espaço privilegiado para dialogar com as questões inerentes à adolescência e as suas relações com a sociedade. Na escola o processo de reflexão na formação de opinião, das atitudes, da promoção da cidadania e o desenvolvimento individual poderão ser prejudicados ou incentivados conforme o direcionamento da direção, professores e colegas da escola (MARRIEL et al.2006).

As adolescentes sofrem vários percalços, sendo um deles decorrente dos problemas do meio social. Ao engravidar são acometidas de preconceitos, discriminações e vergonha. E, uma das consequências destas situações

indesejáveis é o afastamento dos estudos. E, após o período de gestação e nascimento da criança, justifica-se a necessidade de trabalhar para suprir as necessidades do filho. Ou seja, o abandono escolar é um meio utilizado para ingressar no mercado trabalho, podendo ser mal remunerado e informal as quais se submetem (OLIVEIRA, 2008).

O abandono escolar, por parte da mãe adolescente, está associado às condições econômicas e sociais que dificultam na formação intelectual e antecipa. O ingresso das adolescentes ao mercado de trabalho colabora para uma possível segunda gestação.

Dessa forma o prejuízo causado por abandonar os estudos não se restringe somente à mãe, mas atinge o pai do bebê que ao assumir a responsabilidade da paternidade, geralmente, ainda garotos, param de estudar para poderem se dedicar ao trabalho. E a adolescente se dedica aos trabalhos domésticos. Ou seja, os adolescentes não conseguem encarar a nova perspectiva e muitas vezes demonstram dificuldades no comportamento afetivo de pai ou mãe. No entanto, nesta fase de suas vidas precisam traçar outro plano de vida, obter novas metas e sonhos que englobem a nova realidade. E, conseqüentemente, obterão uma relação familiar saudável podendo cuidar juntos do bebê (DESSER, 1993).

O Banco Nacional do Desenvolvimento Social (BNDES) financiou pesquisas que analisaram as Políticas Públicas e Desempenho Escolar dos Alunos da Rede Pública de Ensino. Os dados demonstraram um elevado índice de evasão escolar a partir dos anos finais do ensino fundamental, potencializados durante todo o Ensino Médio. Uma das principais causas deste desinteresse dos jovens aos estudos corresponde aos fatores socioeconômicos que incentivam a entrada antecipada ao mercado de trabalho (BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2014).

A Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, por meio do projeto de lei n. 208-2016, que institui a Política Estadual de Prevenção e Atendimento à Gravidez na Infância, Adolescência e Juventude, no sentido de promover a saúde de adolescentes, garantiu o desenvolvimento integral

dessa população. Para tanto, está privilegiada o princípio da intersetorialidade, procurando intervir junto aos acontecimentos da vida dos adolescentes, as situações que impossibilitam ou dificultam seu desenvolvimento físico, psicológico e social (MATO GROSSO, 2016).

Nesse sentido, o Programa Mãe Adolescente, que pretende reduzir o abandono escolar, propõe que as creches e escolas públicas de Mato Grosso ofereçam, obrigatoriamente, vagas tanto para as adolescentes quanto para seus filhos. O programa, ainda defende que é preciso criar Políticas Públicas para evitar a gravidez na adolescência, formando equipes multiprofissionais de psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, agentes de saúde que permitam assegurar as adolescentes um ambiente acolhedor.

O Ministério da Saúde lançou a Caderneta de Saúde de Adolescentes, para as gestantes de 10 a 16 anos de idade, que proporciona aos profissionais da saúde e educação auxiliarem os adolescentes para que possam entender e compreender as transformações ocorridas em seu corpo. A inserção da Caderneta foi realizada de maneira gradativa com aperfeiçoamento dos profissionais da saúde e educação, para atender suas necessidades e questionamentos específicos sobre este assunto tão importante. (BRASIL, 2010).

A respeito do acolhimento dos adolescentes para trabalhar a educação, a sexualidade e os métodos contraceptivos nas escolas, existem inúmeras pesquisas que demonstram uma sequência de ações e cuidados a serem seguidos pelos docentes e profissionais da saúde, na perspectiva de oferecer informações satisfatórias e apropriadas às suas necessidades e demandas.

Os adolescentes que buscam orientação em relação aos contraceptivos querem saber o melhor método a ser escolhido, os seus riscos e a eficácia. Portanto, torna-se essencial que os professores tenham o conhecimento necessário sobre o tema e se preparem para orientá-los de maneira, honesta, ampla, clara, observando a importância da utilização dos métodos de prevenção, não somente em virtude da gravidez na adolescência, mas ressaltando a preocupação contra as DST e AIDS (ALDRIGHI; PETTA, 2004).

Os mesmos autores trazem que, segundo levantamentos da OMS, deve-se propiciar aos adolescentes um ambiente social onde eles (as) possam expressar-se de maneira livre, a respeito de assuntos importantes como gravidez na adolescência e a prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis. Segundo Aldrighi e Petta (2004), a orientação sexual para os adolescentes precisa compreender e atender as individualidades, proporcionando um atendimento de qualidade e eficiência por meio de comunicações clara, de linguagem simplificada e sem julgamentos.

Nessa concepção, é relevante implementar as alternativas que possibilitem aos adolescentes um ambiente favorável de aprendizagem, a respeito da educação sexual e reprodutiva, sem causar prejuízo de moralidade ou valor, e possibilitando escolhas adequadas a uma vida leve, feliz e plena. Entretanto, Brêtas e Silva (2005) advertem que a falar sobre a sexualidade, ainda permanece sendo um tabu na sociedade, no qual perpetua somente o lado prejudicial e negativo do sexo. O processo biológico é apontado como positivo que perpassa o alicerce do amor, da família, da convivência e da sobrevivência humana. Para os autores, a postura da prática libertária, que correspondem o interesse e valoriza a necessidade sexual do adolescente, não significa libertinagem, porém contribui para o contato protegido e sadio entre os adolescentes. E, nesta leitura espera-se que a sexualidade quando entendida e compreendida claramente, transforma-se em criatividade e amor.

O Programa Saúde e Prevenção nas Escolas - PSPE aparece como alternativa de possibilitar uma aprendizagem significativa por profissionais da saúde, educação e órgãos públicos. Neste programa, os profissionais promovem ações inerentes à vulnerabilidade dos adolescentes em relação às doenças como DST e AIDS, a gravidez na adolescência, a utilização de substâncias psicoativas e dentre outras. Portanto, as unidades de saúde e as escolas são ambientes favoráveis para a promoção de políticas públicas para aos adolescentes assim é compreendida pelos programas (BRASIL, 2007).

Segundo Mandu (2000), a maioria das pesquisas incide nas decorrências da gravidez das adolescentes, desprezando as alterações originárias da sua imersão social. Os inúmeros estudos não valorizam o fato

das gestações serem consequências oriundas a partir das instabilidades da vida, da família, das desigualdades sociais, exposição à violência (MADU,2000).

Nesse contexto, ressalta a necessidade de ambientes que ponderem como prioritários a promoção de um atendimento humanizado aos adolescentes, sempre respeitando-o sem suas individualidades específicas. Entende-se que um enfoque apropriado necessita reconhecer as desigualdades existentes ao acesso aos recursos sociais, aos problemas estruturais das políticas públicas e à ausência de perspectivas de futuro são situações com que se defrontam a maioria dos adolescentes das áreas urbanas (MANU,2000).

Segundo a mesma autora, os adolescentes têm necessidade de participar, livremente das decisões diretamente ligadas à própria vida, sugerindo recursos e medidas que lhes auxiliem na melhoria da qualidade reprodutiva, sexual e a passividade dos problemas sociais que os fazem vulneráveis. Assim, possibilitando sua inserção na vida social com os estudos e qualificação profissional; por mudanças que tragam novas condições na saúde e educação. Para alcançar essa autonomia e exercê-la de maneira saudável, o adolescente necessita obter a clareza das práticas que possibilitem o reconhecimento das suas potencialidades norteados pela solidariedade, equidade e valores éticos.

#### **1.4 A escola e seu papel social: uma breve reflexão teórica**

A escola desenvolve suas atividades na sociedade, especialmente pela origem atribuída com objetivo de acolher as demandas sociais e suas dimensões históricas, apontadas para a reprodução e produção dos valores sociais, culturais, econômicos e políticos. Neste subcapítulo, será apresentado mesmo que brevemente um olhar teórico sobre o papel da escola, destacando Meksenas (2000), fundamentado por Durkheim (1955), afim de realizar uma reflexão histórica sobre a escola e seu papel social.

As instituições sociais são responsáveis para o bom desenvolvimento social, isso se as mesmas desempenharem suas funções adequadamente (MEKSENAS, 2000). Segundo o autor, fundamentado por Durkheim, uma sociedade equilibrada necessita do funcionamento harmônico de suas instituições, tendo o papel de desenvolver funções diretivas de condutas, valores, normas, enfim uma moral social para colaborar visando um bem coletivo.

A moral social é resultado das condutas e valores compartilhados e ratificados socialmente. Segundo Meksenas (2000), o desvio dessas normas causaria penalidades para os indivíduos, que variaria de uma crítica de seus comportamentos até a expulsão do convívio social em situações mais problemáticas. Nessa concepção, a construção da consciência coletiva é indispensável para perpetuar uma boa trajetória de vida, entretanto à falta dessa moral coletiva inicia os problemas sociais.

A teoria funcionalista de sociedade elaborada por Durkheim (1955), que traz a construção da educação escolar por meio de instituição social, tem o objetivo de interligação do indivíduo à sociedade, limitando o distanciamento entre o interesse coletivo e o interesse individual. Entende-se a função da escola como uma instituição social que instrui o indivíduo para conviver em sociedade, obrigando-o a partir de organismos que impliquem na aprovação coletiva. No mesmo sentido, a vida em grupo provoca o contato com outros indivíduos, ocasionando, muitas vezes, desconstruirmos os nossos interesses individuais, em benefício de um motivo maior: o interesse coletivo.

Segundo a reflexão de Meksenas (2000), a escola é a instituição que tem o papel de desempenhar a implementação das normas e dos valores nas futuras gerações, promovendo sempre o convívio social, pois sem essa moral coletiva, a sociedade ficaria inviabilizada.

Fazendo um contraponto, a função da educação e a prerrogativa da escola como instituição demandada pela sociedade, a partir da perspectiva Kantiana, apresenta uma discordância em alguns conceitos atribuídos à educação. Em que para esta teoria, por exemplo, a escola tem por finalidade

atribuir ao indivíduo a completude da perfeição, permitindo-o avançar em todas as suas qualidades (DURKHEIM, 1955).

O mesmo autor ratifica sua opinião a essa perspectiva de formação na situação de acontecer o desenvolvimento das diversas habilidades na formação, entretanto, se há por um lado o objetivo de um equilíbrio social a partir da educação, a mesma também colabora para a diversificação no instante em que tem como objetivo a ação de atividade social.

Outro ponto divergente das duas teorias, é a visão de formadores de opinião que atribuem à educação, quanto a seguridade de sucesso para os que a adentram. O sucesso é subjetivo e particular. Ou seja, o que é sucesso para um, pode não ser sucesso para outro, e essa perspectiva retira o resultado prático da educação. Portanto, a mesma perderia sua função de instituição social, por meio da validação dada pela maioria social e simplesmente objetivaria atender as necessidades individuais.

Ao destacar a perspectiva de que haja uma educação capaz de assegurar a todos a mesma formação (percepção que desprestigia o contexto histórico e as peculiaridades de cada época). Durkheim ressalta alguns indicadores para demonstrar que a educação, como instituição social, tem por objetivo, atender as aspirações da sociedade. O autor traz uma breve contextualização histórica do papel da educação em distintos períodos e ocasiões. Segundo, Durkheim (1955, p. 27):

A educação tem variado infinitamente, com o tempo e o meio. Nas cidades gregas e latinas, a educação conduzia o indivíduo a subordinar-se cegamente à coletividade, a tornar-se uma coisa da sociedade. Hoje, esforça-se em fazer dele personalidade autônoma. Em Atenas, procurava-se formar espíritos delicados, prudentes, sutis, embebidos de graça e harmonia, capazes de gozar o belo e os prazeres da pura especulação; em Roma, desejava-se especialmente que as crianças se tornassem homens de ação, apaixonados pela glória militar, indiferentes no que tocasse às letras e às artes. Na Idade Média, a educação era cristã, antes de tudo; na Renascença, toma caráter mais leigo, mais literário; nos dias de hoje, a ciência tende a ocupar o lugar que a arte outrora preenchia (DURKHEIM, 1955, p.27).

O autor relembra que a mudança de contexto social é importante, pois existem processos diferentes de escolarização, todos pensadas com a intencionalidade de perpetuar o modelo de sociedade vigente. Esse processo desempenha forte pressão à escola em seu papel social, pois do contrário, a mesma estará na contramão dos anseios da sociedade.

Para Durkheim (1955), a escola é caracterizada como instituição social, sendo inadmissível seu isolamento. É, neste ambiente, que o adolescente deve se relacionar com as demais instituições sociais, cuja instalação não é uma mera representação, mas uma construção cultural e histórica. Ou seja, se organizar, não por interesses individuais com fins de garantir necessidades sociais.

O autor ainda salienta que o papel social da educação seria o de desenvolver nas futuras gerações o contato com o outro por diálogos, interações intrapessoais e não existindo possibilidade de fugir totalmente da concepção de formação organizada para cada contexto.

Já no espaço familiar é preciso ter as condições necessárias para que haja valores éticos, culturais e sociais que sejam repassados, porque é neste ambiente que o indivíduo aprende a ter o primeiro contato com o outro. A sociedade apresenta suas diferenças que são resultantes de uma organização por classes, com seus interesses e necessidades distintas e específicas.

Cury (1995, p.89) destaca que:

Na busca de um consenso, e se possível de um consentimento ativo e coletivo das classes dirigidas, a disseminação dessas ideias no interior das instituições educativas se faz necessária, a fim de que todos consentam que o fato de que os interesses gerais da sociedade se confundam com os interesses das classes dirigentes. Essas ideias pedagógicas, que filtram uma cosmovisão, têm nos *intelectuais* orgânicos da classe dirigente seus principais porta-vozes (CURY, 1995, p. 89).

Segundo o autor, o poder dominante se torna aceito pelos dominados quando difundido pelas instituições legítimas e vitais. Entende-se, no entanto,

que ao buscar hegemonia poderá sofrer resistência dos dominantes, pois os mesmos possuem suas ideologias.

Para constituir uma postura contra hegemônica, na concepção de Cury (1995), é preciso organizar movimentos políticos que transcendam esse conhecimento.

A construção da politização, do grupo dominado iniciou a partir de reflexões que caracterizasse em oposição contra o poder dominante. Porém, somente a oposição excluiria os elementos científicos e culturais indispensáveis para o progresso humano.

Finalmente, quanto ao papel social da escola, pode-se constatar que durante o Estado de Bem-Estar Social, presente no Estado Neoliberal, as políticas públicas voltadas ao social, sofrem influências marcantes que são atribuídas à classe dominante apresentando poucas diferenças em diversos contextos, lembrando que a educação para os trabalhadores, foi elaborada de maneira que os interesses da classe dominante fossem atendidos.

As instituições sociais são lembradas dentre os elementos indispensáveis “da sociedade para a sociedade”, principalmente durante o exercício de normas universais de ações permanentes, que precisam ser afirmadas e respondidas. Também são norteadas pelas necessidades sociais, durante cada lugar e tempo. Suas modificações se contextualiza com o cenário econômico e político, em que estão submersos, constituindo-se como fundamentos de valor e cultura de uma sociedade.

### **1.5 O Ensino de Ciências e a Educação Sexual no Ensino Médio**

A estrutura atual do Ensino Médio e as respectivas leis que regulamentam a etapa de escolarização e direciona os seus objetivos e no formato que as aulas são ministradas, podem fornecer subsídios para compreender o nível de interesse das estudantes em continuar ou não os estudos no contexto da gravidez na adolescência.

Segundo a Lei nº 9394/96 que estabelece que o ensino médio em território brasileiro, deverá:

Ser responsável por assegurar a todos os cidadãos a oportunidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, aprimorar o educando como pessoa humana, possibilitar o prosseguimento de estudos, garantir a preparação básica para o trabalho e a cidadania e dotar o educando dos instrumentos que lhe permitam continuar aprendendo, tendo em vista o desenvolvimento da compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos (art. 35, incisos I a IV).

É necessário refletir sobre alguns dos objetivos subentendidos pela lei, considerando relevante para este estudo as seguintes questões: o desenvolvimento do educando como pessoa humana e assegurar a continuidade dos estudos e a preparação básica para o mercado de trabalho.

A primeira questão aborda o desenvolvimento humano do educando. Este objetivo especificado na lei estabelece a formação de pessoas que consigam conviver em sociedade e tenham conhecimentos suficientes para que sejam concretizados. A lei aponta quanto a formação de pessoas críticas, que compreendam e entendam as mudanças da sociedade, conseqüentemente que consigam mudar suas perspectivas de vida. Para tanto, todos necessitam adquirir conhecimentos básicos para pertencer a sociedade. Paro (1999) menciona que:

A própria Constituição Federal reconhece a imprescindibilidade de um mínimo de educação formal para o exercício da cidadania [...]. Isto significa que há um mínimo de conteúdos culturais[de] que todo cidadão deverá apropriar-se para não ser prejudicado no usufruto de tudo aquilo a que ele tem direito por pertencer a esta sociedade (PARO,1999. p.112).

Os objetivos tratados pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB asseguram as garantias da preparação mínima para o trabalho e cidadania. Porém, é necessário entender, primeiramente, a forma que é compreendida pela lei os termos: trabalho e cidadania. Segundo Paro (1999), o trabalho é compreendido

como forma de satisfação humana, e não como forma de obrigação, conforme observamos na sociedade.

Para tanto, deveria ser de responsabilidade da escola, abordar leituras, temas e debates que fazem parte do meio social do aluno para que possam saber compreender a sua realidade política, social e econômica. Segundo Adorno (2004), estes seriam um dos objetivos que a educação precisaria desenvolver uma consciência crítica, ou melhor, proporcionar aos alunos conteúdos contextualizados para poderem realmente participar e refletir sobre suas ações na vida. Assim, torná-los não só críticos como também competentes em suas decisões.

O papel do professor é de demonstrar aos estudantes as mudanças da realidade, sem desvalorizar o objetivo de reorganizá-lo no mundo:

[...] a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de pessoas bem ajustadas em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. (ADORNO, 2004, p.143)

Para Bleichmar (2008), a educação tem o objetivo organizar-se conforme as mudanças sociais, intuito de oferecer aos alunos possibilidades para se adaptarem ou superarem alguma dificuldade encontrada no seu cotidiano, para que assim possam construir um futuro melhor.

Segundo a autora, uma educação que disfarça ou não se adapta a realidade presente, é responsável pela formação de pessoas incapazes de conviver nela, vez que a organização da sociedade atual passa por diversas mudanças e não ajuda na formação das pessoas durante seu percurso:

[...] una enorme cantidad de chicos no tienen claro cuál es su futuro o directamente no anhelan un futuro y viven en la inmediatez total. Y esto es lo que vemos reflejado en su imposibilidad de aprender. No está dado porque no se son inteligentes, está dado porque no creen que los conocimientos que reciban pueden servirles para enfrentar la vida. Se ven reducidos a la inmediatez de la vida que les

ha tocado y nadie les prepon e soñarun país distinto desde una palabra autorizada (BLEICHMAR, 2008, p. 36)

As condições da formação das pessoas estão relacionadas aos objetivos e características da sociedade existente, considerando as relações econômicas, sociais e política do sistema. De acordo com a autora, é necessário assegurar a confiança e o compromisso entre as pessoas e as instituições sociais estabelecidas na sociedade. Nesta perspectiva, a gravidez na adolescência acontece, em virtude dos desarranjos acontecidos em alguma instância social, familiar e/ou escolar, dessa forma é preciso fortalecer essas relações.

Através dos objetivos estabelecidos pela LDB para o Ensino Médio e a maneira como esses são organizados e abordados na escola, podemos refletir que o interesse e do desinteresse dos estudantes não devem ser pensados apenas no que tange à subjetividade e a maneira pela qual os adolescentes não conseguem ou conseguem desenvolver-se, assim tornando-se autônomos de suas relações com o saber.

Num segundo momento, ao olharmos para o ensino de Ciências, em especial a educação sexual, observa-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN abordam a Matemática sobre sexualidade, apontando no ambiente escolar que durante a década de 1980 ocorreram altos índices de gravidez na adolescência e o aumento das contaminações de AIDS entre os adolescentes.

Segundo Altemann (2001), o Estado interessou-se pela temática sexualidade da população, conforme consta o documento curricular estabelecido nas escolas, em que orienta os educadores a trabalharem o tema durante todas as etapas de escolarização. A autora pontua algumas reflexões, além das dimensões epidêmicas, pois existem inúmeras mudanças nos comportamentos sexuais dos indivíduos, em que o papel da escola deve ser aliado ao autocuidado. Dessa maneira, não cabendo somente a família, mas também que promovam um desenvolvimento crítico educativo e reflexivo, para

que assim contribua para promoção à saúde dos adolescentes. Como afirma autora em que

A escola como um todo, e não o professor de Ciências em particular, é responsabilizado por transmitir uma visão não reducionista da sexualidade. Supõe-se que falar sobre sexualidade em todas as disciplinas, a partir das suas especificidades, garantiria uma abordagem ampla da mesma (ALTEMANN, 2005, p. 19).

Porém, muitas vezes, as curiosidades e dúvidas dos adolescentes não são supridas com essa abordagem escolar, justamente por desconsiderar outros elementos como sociais, culturais, psíquicos, emocionais e entre outros que, de alguma maneira, contribui para este ciclo fragmentado de informação continue. Uma vez que, praticamente, se trabalhe questões dentro de um olhar da biologia, segundo o que estabelece o PCN:

Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano (BRASIL, 1998, p. 292)

Se faz necessário refletir as consequências deste documento, e as relações diretas com as formações dos professores que trabalham em sala de aula, através destas abordagens que estão relacionadas com o aparelho reprodutivo, pois muitas vezes, apenas são informativos, sem explicações explanadas. E, neste contexto, é preciso repensar as atitudes profissionais e também quanto a necessidade de repensar as políticas educacionais e públicas, propondo novas discussões e informação dentro das escolas.

Bonfim (2009, p.83), pondera que “[...] reconhecendo as inúmeras deficiências na formação dos professores, ainda persiste uma política educacional insuficiente, de mudar esse quadro”. A autora ainda destaca que

[...] é necessário constituir-se no Brasil uma política educacional para a Educação Sexual, inserindo na matriz curricular dos cursos de Licenciatura uma disciplina que vise suprir essa carência de qualificação, bem como se ofereça aos professores em exercício cursos de formação contínua, para que possam ampliar a compreensão e significação da sexualidade, e possam superar a visão dogmática religiosa, a visão biológica, naturalista, a concepção determinista que se tem ainda da sexualidade. (BONFIM, 2009, p. 83).

Assim, fica evidente o quanto é necessário a formação continuada dos professores, além de ser importante incorporar nos cursos de licenciaturas e nas matrizes curriculares, disciplinas que contemplem as dimensões sociocultural, psíquica e as questões políticas. Assim, possibilitará construir a disciplina de Educação Sexual que contribuirá com os futuros professores na formação inicial dos docentes, com atividades e desenvolvendo uma postura ampla e crítica sobre a sexualidade, além de uma melhor forma de abordagem e informação.

Porém, existem situações em sala de aula em que os adolescentes precisam de respostas que supram as suas inquietações sobre a sua identidade, a orientação sexual, suas vontades e desejos e o que escolher. Ou seja, inúmeras interrogações que são constantes na vida dos adolescentes. Sendo assim, os trabalhos realizados nas escolas sobre sexualidade e corpo estarão atrelados às relações das construções das identidades, na formação humana dos adolescentes, conforme já mencionado anteriormente.

Os PCN também citam a questão do prazer, apontando a fundamental necessidade de todo ser humano, que deve ser respeitada em todas as dimensões, seja de forma biológica, psíquica e sociocultural, compreendendo também as questões políticas. Essas dimensões precisam ser dialogadas ao abordar a sexualidade deste a infância até a adolescência, considerando a experiência do prazer ao contato com os filhos e com as mães, desmistificando a vivência apenas biológica, considerando também a memória psíquica durante todo o decorrer da vida.

Dentro dos PCN, percebe-se que existem disparidades sobre a sexualidade, pois há uma implicação que critica a naturalização do corpo, por

meio da constatação de diferenças culturais. E, por outro lado, a sexualidade é vista como uma invariante histórica, uma instituição natural que transcorre em todas as culturas, e por isso mesmo, manifesta-se de maneira diferente (ALTEMANN, 2001). Segundo a autora, os parâmetros curriculares dividem a temática sexualidade sem problematizá-la e organizá-la a partir das concepções históricas, advindas da homossexualidade e heterossexualidade.

Bonfim (2009, p.85) completa que

[...] o trabalho sistemático e sistematizado de Orientação Sexual desenvolvido na escola mesmo após tantas indicações de sua ineficiência, ainda continua articulado apenas objetivando promover a saúde das crianças e dos adolescentes, e desenvolver ações preventivas às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, e mesmo nesse viés, é possível verificar, através de inúmeros estudos, que mesmo as informações passadas pela escola nesse sentido não conseguem possibilitar a adoção de comportamentos preventivos (BONFIM, 2009, p.85).

As posições determinadas pelos indivíduos de uma determinada cultura remetem diretamente com a aparência dos próprios corpos. Estudos apontam que se evidenciou por muitos séculos que os indivíduos eram demarcados, rotulados e analisados por seus corpos em relação aos destaques presentes e inscritos em seus corpos (LOURO, 2003).

Segundo a mesma autora, a aparência tinha um grande valor, pois era através dela que se atribuía algum significado. Por exemplo, existem alguns traços significativos herdados fisicamente por alguma cultura e quando observada pela sociedade, que não pertence à mesma, consegue-se identifica-los em virtude dos traços. Alguns mais comuns e fáceis de observar: o formato da boca, a cor dos olhos, a cor da pele e a existência de pênis ou vagina.

Os PCN's apontam que durante a infância se inicia as diferenças entre os sexos e passam a ser demonstradas com mais frequência. Entretanto, não somente as diferenças biológicas, mas as manifestações das características entre mulheres e homens que estão relacionados aos padrões normativos da sociedade. Estes, aqui mencionados, são conhecidos de relações de gênero,

e tais aspectos, biológicos, são indicadores marcantes durante a formação da identidade do adolescente.

Quanto às questões da sexualidade no ambiente escolar, envolve todos os indivíduos pertencentes a este, estabelecendo padrões e desconsiderando experiências individuais. Entretanto, Silva (2007) adverte que cada indivíduo possui sua experiência e estão em harmonia com suas trajetórias de vida que são ricas em significados e legitimidade. Portanto, enquadrar o adolescente, em determinado padrão necessitaria moldá-lo e atender as regras da sociedade (SILVA, 2007).

É importante refletir a necessidade de desnaturalizar-se, desconstruir os padrões estabelecidos pela sociedade e romper com as normas pré-estabelecidas, pois segundo Silva (2007, p.160)

Desnaturalizar vai ao encontro de romper com a norma, de desfazer a margem e desequilibrar o centro. Questionar as certezas e até mesmo as incertezas sem a pretensão de encontrar a essência, mas sim, fazer emergir, trazer à tona e revelar aquilo que não se vê. Promover a realização de práticas que possibilitam a constituição de outros significados, além daqueles já naturalizados. Estranhar o óbvio e o já sabido, ir ao encontro daquilo que está nas brechas, daquilo que não se mostra e não se faz ver (SILVA, 2007, p. 160).

Entende-se que a escola precisa definir as ações que serão desenvolvidas com os adolescentes, na própria comunidade na qual estão estabelecidas. Os conteúdos escolhidos devem estar adequados, conforme abordagem e fundamentos das ações a serem trabalhadas, levando em consideração o cotidiano dos indivíduos e as experiências familiares. Valorizando as diferentes maneiras e procedimentos de trabalho no espaço escolar, e inúmeras serão as possibilidades dos adolescentes desenvolverem autonomia e criatividade no percorrer de sua sexualidade.

Segundo Dinis e Asinelli-Luz (2007, p.9):

[...] não se aprende a lidar com a sexualidade, assim como não se aprende a lidar com necessidades educativas

especiais, ou com crianças e adolescentes. Somos seres histórico-culturais e a construção de nossas identidades se dá desde o momento de nosso nascimento, na relação com as diferenças (DINIS E ASINELLILUZ,2007, p.9).

Os autores atribuem não somente ao ambiente escolar a possibilidade dos significados e a constituição de experiências com as diferenças e as necessidades educativas e sexuais. Mas, a escola deve ser um local a propiciar um aprendizado que advém das inserções com a sociedade, imbuídas na dimensão humana que estamos inseridos. Logo, somos indivíduos culturais e históricos que constituem as relações e identidades com os (as) outros (as) (DINIS; ASINELLILUZ, 2007).

Segundo os PCN's, existem outras possibilidades que poderão aparecer no ambiente escolar, como:

As manifestações da sexualidade mais frequentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo, nas perguntas ou ainda na imitação de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta (BRASIL, 1998, p. 300).

O ambiente escolar é propício para a produção de conhecimento, é um local onde os adolescentes se ajudam para construção de si e o ao mesmo tempo, estabelecer relação singular e plural, pois cada indivíduo envolvido dentro da escola, também é o mesmo que fora dela. (SILVA, 2007).

Os PCN's abordam o papel do professor diante destas questões, ressaltando a necessidade de constituir laços de confiança entre educadores e educandos, visando diminuir as barreiras do preconceito, tabus e crenças, que são formados por meio das atitudes atreladas à sociedade.

Em meados do século XX, consolidou-se um padrão de controle social chamado por Michel Foucault de biopoder, sendo marcado por intenso investimento político na vida dos sujeitos, no qual o domínio da sexualidade era primordial. A necessidade do controle do sexo com perspectiva na disputa política de poder deve a ocorrência de encontrar nas articulações entre as

duas linhas, quando se desenvolve a tecnologia política: o sexo deve estar intrínseco nas disciplinas do corpo, admitindo a atividade de micropoderes pertencentes às regras das populações (FOUCAULT, 2015).

Dessa forma, a sexualidade foi compartimentada e tornou-se instrumento da individualidade, possibilitando entrada à vida do corpo, e a própria vida da espécie, deixando a atividade do biopoder diretamente à população. Assim, a escola destaca-se como um ambiente excepcional ao crescimento do biopoder, procurando garantir a permanência do domínio da sexualidade das crianças, e especialmente dos adolescentes. É importante, refletir sobre a forma que a educação, influencia nessa questão, e o seu relacionamento com outras áreas do conhecimento (FOUCAULT, 2015).

No que tange a figura da mulher em particular, essa questão da sexualidade sempre foi, e pelo que já foi apontado nessa pesquisa, ainda parece ser um pouco mais delicado, pois falar da sexualidade feminina, é também lembrar de que seu comportamento pode gerar uma gravidez no caso das adolescentes, e com isso, os desdobramentos também já mencionados.

## **2 METODOLOGIA**

Para alcançar os objetivos propostos, faz-se necessário definir um caminho metodológico para direcionar a pesquisa. Desta forma, segue-se a descrição do tipo de estudo, local, participantes, princípios éticos da pesquisa, coleta de dados, e a organização e análise dos dados.

### **2.1 Tipo de estudo**

A pesquisa trata-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, tendo como suporte metodológico a pesquisa social. Segundo Lakatos e Marconi (2006), a pesquisa exploratória é ideal quando investiga novo assunto ou área em que se pretende estabelecer relações de determinado fenômeno e as maneiras de compreender os fatores ou manifestações com as quais se interliga. O estudo descritivo trabalha a descrição, análise de registros, a interpretação de fenômenos contemporâneos e a sua relação com o presente.

Nessa concepção mais aprofundada a pesquisa qualitativa aborda as questões em seu cenário real, possibilitando interpretá-las em relação aos significados atribuídos pelos indivíduos, sendo ideal para uma abordagem holística, a qual proporciona compreender a complexidade das ações humanas (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa se atenta, primordialmente, com o grau de realidade que não consegue ser quantificado. Portanto, aborda o universo de aspirações, motivos, significados, atitudes, valores e crenças que apresentam um ambiente mais detalhado das relações, dos fenômenos e dos processos, proporcionando uma expectativa mais profunda ao tema em estudo. As experiências dos indivíduos só são possíveis de compreensão por meio da descrição vivenciadas e determinadas pelo próprio ator (TRIVINOS, 2015).

Neste estudo, foi utilizado como referencial metodológico, a pesquisa social, possibilitando investigar as experiências humanas e estabelecer a relação com o social, por meio do individual.

Para o desenvolvimento do trabalho, foi adotado a pesquisa social, focalizando as situações de abandono escolar pelas adolescentes durante o período gestacional.

Segundo Deslandes e Minayo (2015), a pesquisa social demonstra a realidade da cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados transbordante no cotidiano. A pesquisa é a atividade fundamental das ciências sociais, desde a sua indagação até a construção. É alimentada pelos frutos de determinadas ações ou inserções da vida real, encontrando suas razões e seus fatores motivadores.

Segundo as mesmas autoras, a pesquisa social se faz por aproximação, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos. Conforme Bruyne, Herman, Shouteheete (1995), na realidade histórica de seu devir, o procedimento científico é, ao mesmo tempo, aquisição de um saber, aperfeiçoamento de uma metodologia e elaboração de uma norma. As Ciências Sociais são constituídas por cada sociedade humana, num determinado espaço de tempo e se organiza de forma particular e diferente de outras.

A pesquisa social lida com seres humanos que, por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos, como lembra Lévy-Strauss (1975, p.215) “[...] numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, e o observador é, ele próprio, uma parte de sua observação”. Na investigação social, a relação entre o pesquisador e o seu campo de estudo se estabelece definitivamente, pois a visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objetivo, aos resultados da pesquisa (DESLANDES; MINAYO, 2015).

## **2.2 Local de estudo**

A pesquisa foi realizada no município de Jaciara, localizado na Região Sul do Estado de Mato Grosso, onde também faz parte do Consórcio Regional de Saúde. A uma distante de 120 km da capital Cuiabá, tem uma população estimada em 26.519 habitantes e uma área territorial 1.676,972 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

Os locais das coletas dos dados foram em duas escolas Estaduais de Ensino Médio do município referido, bem como as oito unidades de saúde da Estratégia Saúde da Família – ESF.

Atualmente, a cobertura da ESF no município é de 100% fazendo o acompanhamento de pré-natal, no maior percentual de gestantes. Este é o modelo assistencial da Atenção Básica que se fundamenta no trabalho de equipes multiprofissionais em um território adstrito. Desenvolve-se ações de saúde a partir do conhecimento da realidade local e das necessidades de sua população. De acordo com o Ministério da Saúde, cada equipe da ESF deve ser composta por um médico, um enfermeiro, dois auxiliares de enfermagem, e cinco a seis Agentes Comunitários de Saúde (ACSs). Nesta composição, também estão previstas as equipes de saúde bucal com cirurgião dentista, auxiliar e técnico de saúde bucal (BRASIL, 2012a).

## **2.3 Participantes do estudo**

Neste estudo, contamos com a participação de cinco adolescentes grávidas, atendidas nas unidades da ESF, moradoras do município de Jaciara-MT. Os critérios de inclusão das participantes da pesquisa foram os seguintes: ser adolescente, estar grávida, ter idade entre 15 a 17 anos e histórico de abandono escolar por decorrência da gravidez.

Para a identificação das adolescentes, foram utilizados registros escolares, bem como os formulários da secretaria municipal de saúde, que identificaram as gestantes adolescentes.

O número de adolescentes gestantes entre 15 a 17 anos no município somavam no total de vinte e seis. Destas, cinco estavam em situação de abandono escolar, em decorrência da gravidez na adolescência. Assim, despontaram-se as participantes do estudo, onde as cinco adolescentes aceitaram participar voluntariamente da pesquisa.

#### **2.4 Princípios éticos da pesquisa**

A pesquisa atende aos preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta os procedimentos éticos em pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2012b).

A Resolução de 466/2012 trata das normas e procedimentos da pesquisa com seres humanos, alguns preceitos necessitam ser organizados pelos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos – TCLE (APÊNDICE I), Termo de Assentimento Livre Esclarecido - TALE (APÊNDICE II), que assegura o respeito e a dignidade humana. Neste estudo, todas as adolescentes foram esclarecidas sobre o TALE, sendo informadas de sua participação voluntária.

Foram respeitadas todas as normas estabelecidas na resolução, que assegura a proteção das entrevistas da pesquisa e protegendo o anonimato. Assim, optamos por utilizar codinomes de flores na pesquisa em substituição aos nomes verdadeiros, surgindo assim: a Hortênciã, Violeta, Jasmim, Tulipa e Rosa. No estudo, foi garantida às entrevistadas a desistência a qualquer etapa da pesquisa, sem acontecer qualquer prejuízo.

#### **2.5 Coleta de dados**

As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro e novembro de 2016, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, com o número do parecer 1.726.846 de 14 de setembro de 2016 (ANEXO II). A coleta foi realizada a partir de um roteiro pré-estabelecido (APÊNDICE III) com as questões norteadoras abordando temáticas acerca da relação da adolescente

quanto a descoberta da gravidez, sobre sua vida escolar, o abandono dos estudos, convivência familiar, a relação com o pai da criança buscando compreender seu contexto escolar, familiar e contracepção.

O instrumento da coleta foi organizado por questionário semiestruturado, possibilitando compreender o fenômeno gravidez na adolescência e sua relação com o abandono escolar.

Segundo Deslantes e Minayo (2015), por meio da entrevista, é possível compreender as ações dos protagonistas sociais. Dentre suas vantagens está a possibilidade de ampliação da comunicação, facilitando, assim, seu aprofundamento.

Num primeiro momento, enquanto pesquisadores, procurou-se buscar o apoio dos ACSs, e desta maneira, as adolescentes participantes do estudo foram identificadas. No primeiro contato com as participantes do estudo foram realizados todos os procedimentos de esclarecimento da pesquisa, tanto para as adolescentes, quanto para seus responsáveis ou representantes legais. E, após aceitação dos mesmos, assinaram o TCLE e o TALE. Então, foi agendado as entrevistas com dia, hora e local previamente escolhido pelas adolescentes, em sua totalidade realizadas nas residências das mesmas.

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas em ambiente privativo, não havendo interferência, nem presença de terceiros, com duração aproximadamente de 40 minutos.

Salientamos que no término de cada entrevista, buscou-se realizar imediatamente a transcrição das entrevistas, sem realizar nenhuma correção ortográfica, permanecendo na íntegra os termos exatos das entrevistadas.

Após realização das transcrições dos áudios, as adolescentes tiveram livre acesso aos transcritos e tiveram o direito de retirar ou acrescentar as informações, conforme sua vontade. Todo material transcrito e gravado ficará arquivado e protegido pelo pesquisador, e depois de transcorrer o período de cinco anos, será destruído.

## 2.6 Organização e análise dos dados

Para organização e análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo que, segundo Minayo (2014), é um aparato de técnicas que analisam as comunicações, que possibilita obter, a partir dos processos sistemáticos, a descrição dos conteúdos de mensagens, permitindo indicar as referências de conhecimentos, oriundos das produções e condições de recepção destas mensagens. A mesma autora aponta que esta técnica busca compreender as informações, além do significado pontual, possibilitando o enriquecimento da pesquisa.

Os relatos primeiramente foram pré-analisados e os materiais coletados após exploração, finalizando com o tratamento e análise dos resultados.

O processo de tratamento e análise dos resultados foram organizados em categorias que consistem em uma operação de sequências de elementos, construídos de um conjunto por similaridade e seguidamente, por agrupamento segundo analogia (MINAYO, 2014).

Segundo os procedimentos da Análise do Conteúdo, foram adotadas as etapas seguintes: a constituição do corpus, as organizações das unidades de análises, o preparo das análises em tema, categorias e subcategorias.

O corpus deste estudo foi constituído por cinco entrevistas. A organização das unidades de análise foi concretizada após a leitura exaustiva e fluente das entrevistas. A partir de então, foram incorporadas por similaridade de conteúdo oriunda das entrevistas, após realizar a decomposição das falas e a organização do tema, resultando em uma composição de categorias e subcategorias, tais como:

Primeira categoria: A história de vida das adolescentes: o desabrochar das flores, tendo como subcategorias: a vida de Hortência, Violeta, Jasmim, Tulipa e Rosa.

Segunda Categoria: Estou grávida! É agora, como será minha vida? Tendo como subcategorias: os métodos contraceptivos e sua utilização pelos adolescentes; o (não) planejamento da gestação; o papel da família e sua importância no aceitar acolher a adolescente gestante; quem ajudou a fazer, vai ajudar a cuidar? A presença ausência paterna.

Terceira categoria: A adolescente gestante e a escola: tendo como subcategorias: gravidez na adolescência e o abandono escolar; a percepção da adolescente gestante sobre o papel da escola diante da educação sexual.

Os resultados e discussões foram fundamentados conforme o referencial teórico sobre a temática. E, para melhor compreensão, apresenta-se o quadro 1, desatacando o tema, as categorias e as subcategorias que emergiram.

**QUADRO 1-** Apresentação do tema, das categorias e das subcategorias. Relatos das adolescentes gestantes em situação de abandono escolar (Jaciara Estado de Mato Grosso, 2016).

<b>Tema</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Gravidez na adolescência	A história de vida das adolescentes: o desabrochar das flores	A vida de Hortência A vida de Violeta A vida de Jasmim A vida de Tulipa A vida de Rosa
	Estou grávida! É agora, como será minha vida?	Os métodos contraceptivos e sua utilização pelos adolescentes.
		O (não) planejamento da gestação.
		O papel da família e sua importância no aceitar acolher e adolescente gestante.
		Quem ajudou a fazer, vai ajudar a cuidar? A presença ausência paterna.
	A adolescente gestante e a escola	Gravidez na adolescência e o abandono escolar
		A percepção da adolescente gestante sobre o papel da escola diante da educação sexual

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Os resultados e discussões dos dados foi organizado em subcapítulos, conforme a seguir. Inicia-se por um breve perfil das participantes, e em seguida um pouco da história de vida das adolescentes a partir da gravidez e a nova realidade. Num terceiro momento da análise, apresenta-se algumas categorias específicas.

#### **3.1 A história de vida das adolescentes: o desabrochar das flores**

Antes de abordar sobre a história de vida de cada flor, primeiramente será apresentado um breve perfil das participantes do estudo.

As adolescentes dessa pesquisa estão na faixa etária entre os 15 e 17 anos. Em relação à situação conjugal, todas as cinco entrevistadas disseram ter estado civil de solteiras, sendo que três delas afirmaram viver na casa com os companheiros após a gravidez, sendo todos primigestas.

Em relação à situação conjugal de seus pais, três são casados e dois estão separados. É importante destacar que dentre as mães das adolescentes, quatro tiveram filhos durante a adolescência.

Todas as participantes tiveram sua primeira relação sexual com namorados, o que parece demonstrar uma relação estável e não de 'ficantes', ocasionais como se diz no jargão dos adolescentes. Dentre eles, quatro são os respectivos pais das futuras crianças.

Sobre estarem preparadas para iniciarem a vida sexual, três adolescentes afirmaram que estavam preparadas, e duas afirmaram que não estavam preparadas. No que diz respeito ao trabalho, nenhuma das entrevistadas possuíam trabalho fixo, mas eventualmente, realizavam trabalhos esporádicos de diaristas, babás, entrega de panfletos ou outra atividade de curta temporada, dependendo financeiramente do companheiro ou familiares.

Em relação à educação sexual nas escolas, três adolescentes afirmaram ter acontecido em algum momento essa abordagem pedagógica durante o período que estudavam. No entanto, duas afirmaram nunca ter acontecido esse momento de interlocução no ambiente escolar. No tocante à escolaridade, todas estavam cursando do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Houve unanimidade da resposta quanto ao motivo do abandono escolar: a gravidez.

A partir de então, será compartilhado um pouco da história de cada adolescente participante do estudo, destacando o momento da descoberta da gravidez, suas reações e suas vivências quanto as reações de seus familiares.

### **3.1.1 A vida de Hortência**

Hortência tem 16 anos, mais precisamente, na trigésima segunda semana de gestação.

Relata ser solteira, porém, reside com o companheiro mesmo antes da descoberta da gravidez. Não exerce nenhuma atividade profissional fixa e, com isso, contribui esporadicamente com a renda familiar, como babá.

Seus pais são casados e sua mãe também engravidou na adolescência. Hortência conversa com os amigos sobre sexualidade, mas não participou de atividades ligadas à orientação ou aulas que tratassem sobre o tema sexualidade durante o período que estudava. Tinha 14 anos de idade quando perdeu a virgindade, com o atual companheiro e pai de seu futuro filho, se considerava preparada para iniciar sua vida sexual. Em relação aos estudos, abandonou o 2ª ano do Ensino Médio em decorrência da gravidez.

No que diz respeito à descoberta da gravidez, Hortência afirma ter ficado desesperada, com medo da atitude dos pais, quando soubessem que seriam avós. Assim nos relata:

*Minha primeira reação foi entrar em desespero eu não sabia que era o quê que eu ia contar pro meu pai [...] nossa eu pensava que meu pai iria me matar como eu ia*

*cuidar de uma criança, eu não tinha como sei lá como eu ia cuidar e não sei eu fiquei até com medo do meu pai e da minha mãe descobrir [...] (HORTÊNCIA, 2016).*

Fica evidente que a adolescente teve medo de revelar aos pais a descoberta da gravidez, perante a possível reação negativa que os eles poderiam demonstrar. E, ao mesmo tempo, mostra-se que ficou insegura por não saber como seria sua vida com um bebê, revelando também que mesmo não verbalizando, sua gravidez não foi planejada.

Hortência sentiu-se sozinha, ao descobrir a gravidez, com vergonha e receosa com os possíveis julgamentos dos vizinhos, ao descobrirem que estaria grávida em plena adolescência:

*Eu senti medo, vergonha que os vizinhos iriam falar de mim depois de descobri que estava grávida e senti totalmente sozinha, desesperada [...] (HORTÊNCIA, 2016).*

Para Ramos (2001), a gravidez na adolescência, provoca uma série de conflitos, pois a adolescente percebe-se desamparada e temerosa, em seu futuro e de seu filho, sendo necessário durante esta etapa atenção, carinho e apoio de seus familiares.

A vergonha e o medo do julgamento da sociedade e da própria família contribuem para a omissão da gravidez pela adolescente. Geralmente, a família recebe a notícia de forma negativa. As adolescentes não conseguem conversar com a família sobre a gestação, com receio de não obterem acolhimento e compreensão que possam auxiliá-las ou confortá-las neste período (PRATTA; SANTOS, 2007).

No excerto a baixo, a Hortência aponta que teve que mudar os planos para sua vida, após a descoberta da gravidez:

*[...] eu pensava em estudar me formar fazer alguma faculdade compra minhas coisas para mim compra uma moto para eu poder sair sem dependente do meus pais né te meu lugar meu espaço sai na hora que eu quero com*

*quem eu quero casar algum momento ter uma família eu queria isso para minha vida [...] (HORTÊNCIA,2016).*

Hortência pontua seus projetos de vida, antes da descoberta da gravidez, demonstrando que havia uma sequência de etapas que pretendia seguir. No fragmento a seguir, fica clara a mudança dos planos ao descobrir que seria mãe.

*[...] mudou tudo eu não tenho mais aquela mesma vontade de estudar agora pelo menos a por agora, não sei o que vai ser da minha vida com uma criança não sei se o meu pai do meu bebê vai continuar comigo depois que nasce não sei se vou voltar a estudar eu não sei vou ter que trabalhar pensar de outra maneira de sustentar essa criança com ajuda dos meus pais, espero que meu bebê venha com saúde né isso que eu espero depois eu vou ver o que vai ser da minha vida após a gravidez esperar para ver agora a única coisa que eu que eu tenho né [...] (HORTÊNCIA,2016)*

Em seu relato, podemos observar que os planos de vida foram interrompidos devido à gravidez, existindo dentro dela um sentimento e desejo de retornar aos estudos e continuar a sonhar. Porém, permanecem dúvidas em relação ao futuro e as mudanças que ainda ocorrerão após o nascimento do bebê.

### **3.1.2 A vida de Violeta**

Violeta tem 15 anos, na vigésima primeira semana de gestação. Seu estado civil é solteira, porém, passou a residir com o companheiro após a descoberta da gravidez. Ela não exerce nenhuma atividade profissional fixa e, com isso, contribui esporadicamente com a renda familiar, como diarista.

Seus pais estão separados, sua mãe também engravidou na adolescência. Violeta conversa com os amigos sobre sexualidade e diz que participou de atividades ligadas à educação sexual durante o período que estudava. Tinha 15 anos de idade quando perdeu a virgindade, sendo que

quando aconteceu foi com um ex-namorado e não se considerava preparada para iniciar a vida sexual. Em relação aos estudos, abandonou o 1ª ano do Ensino Médio em decorrência da gravidez.

No que diz respeito à descoberta da gravidez, Violeta afirma ter ficado sem reação diante do acontecido, com medo de sua mãe. Ela relata que

*Fiquei sem saber o que fazer. Como diria isso a minha mãe. Qual seria minha explicação, até então todos pensavam que eu era virgem, e agora apareço grávida [...] (VIOLETA,2016).*

Quando a adolescente descobre que está grávida, tal notícia vem acompanhada de emoção, surpresa e medo. Estes sentimentos são causados por antecipação da reação desfavorável da família. Esta situação vivenciada por Violeta demonstra o momento instável e o sentimento de desesperança da adolescente, diante da recém-notícia de uma gestação previamente não planejada (ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD, 2008).

Ainda nos relatou seu sentimento de desespero ao descobrir a gravidez, chegando ao extremo, pensando em tentar fazer um aborto ilegal, embora neste momento em sua fala, ela diz que 'fez' o aborto. Observe:

*[...] meu sentimento foi de sumir desaparecer sem dar notícia, mas pensei que não iria resolver pois continuaria grávida, cheguei ao ponto de abortar, tive medo de morrer, a única saída foi contar pra minha mãe o que aconteceu [...] (VIOLETA,2016).*

A gestação na adolescência estabelece um importante evento que pode resultar em prática ilegal de aborto, que conseqüentemente, podem ser agravados pelos percentuais elevados das mortalidades nessa faixa etária, pelo risco de infecções e hemorragias. Nesta direção, para se evitar complicações, o apoio familiar e social é indispensável para a gravidez não planejada (MANDU, 2000).

No que diz respeito aos planos que tinha para sua vida, Violeta mostrou-se duvidosa sobre o que realmente almeja para a sua vida, como afirma:

*[...] não sei o que eu quero da vida [...] a única coisa que eu queria e minha mãe me proibia é de ir em festa...agora que estou casada ele me leva, às vezes [...]* (VIOLETA,2016).

O desejo de sentir-se mais livre, de sair da casa dos pais, de dar mais sentido a uma vida e fazendo atividades que anteriormente eram proibidas, passam a ser elaboradas no plano do ideal. Mas o real começa a aflorar para estas adolescentes quando descobrem a responsabilidade de cuidar de uma criança (FRIZZO, 2005).

Violeta relatou seu desapontamento, perante o comportamento de seu companheiro, durante um evento que participaram, narrando que:

*[...] quando saio de casa, só passo raiva, ele fica bêbado, dança com outras mulheres e eu tenho que ficar quieta e sentada vendo ele se pegando com outra na minha frente, quando fui chamada pra dançar, ele brigou com o cara... quando chegamos em casa, ele me ofende com tantos nomes...depois ele me da roupa, comida, alguns mimos, e fica tudo bem [...]* (VIOLETA,2016).

Tal trecho demonstra o poder sexista exercido pelo companheiro de Violeta. Nota-se que o sexo masculino predomina pela postura ativa, sobre o sexo feminino, associando-se a uma representação de uma concepção machista em relação aos padrões e papéis tradicionalmente pré-estabelecidos do ser homem e mulher (LOURO, 2003). A fidelidade, que sempre foi considerada um atributo da chamada condição feminina, é refletida na vida da Violeta.

### **3.1.3 A vida de Jasmim**

Jasmim tem 16 anos, na trigésima semana de gestação. Seu estado civil é solteira, e ela reside na casa da mãe. Ela não exerce nenhuma

atividade profissional fixa e com isso, contribui esporadicamente com a renda familiar, como babá ou diarista.

Seus pais são separados, sua mãe também engravidou na adolescência. Jasmim conversa com os amigos sobre sexualidade, e participou de atividades pedagógicas ligadas à educação sexual durante o período que estudava. Tinha 14 anos de idade quando perdeu a virgindade. O fato ocorreu com o atual companheiro e pai do seu futuro filho, mas não se considerava preparada para iniciar a vida sexual. Em relação aos estudos, também abandonou quando estava no 2ª ano do Ensino Médio, em decorrência da gravidez.

No que diz respeito à descoberta da gravidez, Jasmim afirmou que no primeiro momento ficou desesperada, porém comunicou à sua mãe:

*Chorei chorei desesperada e depois fui falar pra minha mãe o que tinha acontecido [...] (JASMIM,2016).*

Observa-se que Jasmim demonstra um sentimento de desespero ao descobrir a gravidez. E, ao chorar desesperada, essa emoção demonstra que não havia planejado ou desejada naquele momento da vida. Após passar o primeiro impacto da notícia, decidiu comunicar a sua mãe o que tinha acontecido. Conforme o excerto:

*“[...] minha mãe no primeiro momento falou que não precisava fazer isso agora, que esperasse mais um pouco, que estudasse primeiro [...]” (JASMIM,2016).*

A mãe de Jasmim, após ser informada sobre a gravidez argumentou a desnecessidade de engravidar naquele momento, que o certo seria que aguardasse terminar os estudos. Assim, fica evidente que a mãe da adolescente, demonstra seu desapontamento perante a gravidez da filha,

esperando que a mesma estudasse, buscando outra perspectiva de futuro bem-sucedido. Afinal de contas, a sua história estava sendo replicada ao ser mãe na adolescência:

“[...] no primeiro momento me senti em choque ao saber que tava grávida, mas após eu falar pra minha mãe, ela me acolheu, tá me ajudando, tá fazendo o que pode [...]” (JASMIM, 2016).

Jasmim, também relatou o seu sofrimento ao descobrir a gravidez, mas ao conversar com sua mãe, recebeu o conforto e o carinho que precisava. Provavelmente, neste caso, há uma probabilidade da adolescente passar pelo período gestacional com tranquilidade.

No que diz respeito aos planos que tinha para sua vida, Jasmim afirmou que desejava continuar com os estudos. Ela narra:

*“[...] pensava em fazer uma faculdade, continuar estudando, comprar uma moto pra mim, sair da casa da minha mãe, ter um lugarzinho só pra mim [...]” (JASMIM,2016).*

Quanto aos planos e projetos de vida, o relato de JASMIM situa-se em três pontos fundamentais relacionados: a continuidade dos estudos (independência financeira), comprar uma moto (autonomia) e ter um lugar somente para ela (liberdade). São três vertentes principais de bem-estar social que, de modo geral, os adolescentes buscam realizar para se tornarem adultos (RAMOS et al. 2001).

Em outro momento, a adolescente expõe as mudanças ocorridas, e admite que precisou interromper seus planos em ocorrência da gravidez:

*[...] mudou bastante, tudo que eu pensava em fazer na vida parou com a gravidez [...] foi um baque [...] não sei se vou continuar estudando... parar de estudar, para trabalhar, pra poder sustentar meu filho [...] (JASMIM,2016).*

A expectativa do nascimento do filho atribui à mulher, um contingente de preocupações e tarefas das quais são impossíveis de eximir-se, precisando muitas vezes, abolir outras atividades ou deixá-las em segundo plano, pois a prioridade da criança passa a ser o principal e urgente para qualquer outra atividade. Ou seja, um novo roteiro de vida para a futura mãe (FRIZZO, 2005).

### **3.1.4 A vida de Tulipa**

Tulipa tem 17 anos, na vigésima terceira semana de gestação. Seu estado civil é solteira, porém, passou a residir com o companheiro, futuro pai de seu filho, após a descoberta da gravidez. Ela não exerce nenhuma atividade profissional fixa e, com isso, contribui esporadicamente com a renda familiar, distribuindo panfletos.

Seus pais são casados, sua mãe também engravidou na adolescência. Tulipa conversa com o seu companheiro sobre sexualidade, apesar de não ter participado de atividades pedagógicas ligadas à educação sexual durante o período que estudava. Ela nos relata que tinha 15 anos de idade quando perdeu a virgindade, sendo que quando isso aconteceu, com o atual companheiro e pai de seu futuro filho, se considerava preparada para iniciar a vida sexual. Em relação aos estudos, ela abandonou o 3<sup>a</sup> ano do Ensino Médio em decorrência da gravidez.

No que diz respeito à descoberta da gravidez, Tulipa afirmou que sua primeira reação, foi conversar com sua melhor amiga.

*[...] única reação que eu tive no momento foi falar pra minha amiga [...] ela falou que deveria conversar com meus pais, com o meu namorado, assim tentando me acalmar [...] (TULIPA,2016)*

A primeira reação de Tulipa, foi procurar ajuda naquele momento sensível que ela estava vivendo ao descobrir que seria mãe. Tulipa viu na amiga uma pessoa, acolhedora que não iria critica-la, mas sim iria ajuda-la emocionalmente e a aconselhando no melhor caminho. Tulipa ouviu sua amiga, argumentando que deveria conversar com seu namorado, falar com seus pais, enfim aconselhando-a, a procurar ajuda com os familiares:

*[...] “precisava desabafar com minha amiga e tentar me aliviar pelo menos um pouco daquela situação [...] (TULIPA,2016).*

Com o relato de Tulipa, observa-se que ela estava visivelmente abalada com a gravidez, precisando aliviar a tensão emocional que sentia, e sua amiga foi quem ouviu seu desabafo desesperado, fazendo assim diminuir um pouco seu sentimento de descoberta da maternidade não planejada.

Quanto aos planos que tinha para sua vida futura, e depois da descoberta da gravidez e o que mudou, Tulipa afirmou que seu sonho era tornar-se advogada, porém quando a gravidez foi confirmada, a mesma não se sente ‘animada’ a continuar os estudos. Ela relata:

*[...] antes de engravidar tinha planos de fazer curso superior...queria ser muito advogada, mas depois que descobri que engravidei, mudou tudo [...] eu não sei mais se terei ânimo para voltar a estudar [...] (TULIPA,2016).*

Tulipa expõe sua vontade de cursar direito, demonstrando seu interesse de continuar estudo, porém seus planos mudaram com a gravidez, e agora não sabe se retornará aos estudos. A adolescente gestante enfrenta, na maioria das vezes, o adiamento de sonhos, a destruição de planos, afetando a jovem adolescente a condições de desestruturação familiar, escolar e social, possibilitando levá-la a situações de crises emocionais, dependendo do seu nível de controle (RAMOS et al. 2001).

Tulipa ao afirmar sua vontade de retornar a residir na casa de seus pais, e que deseja que voltem a conversar, demonstra a reação negativa da família perante a gestação da adolescente, que relata:

*[...] “eu queria agora que todo mundo, voltassem a conversar [...] meus pais voltassem a se entender [...] eu voltar a morar na casa dos meus pais, vive em paz, é a única coisa que eu queria, que todo mundo parasse de brigar por minha causa [...] (TULIPA,2016)*

Aqui, ela expõe seu sentimento ao recordar dos pais, desejando que voltem a conversar sem desentendimentos, um ambiente familiar acolhedor que transmita paz. Segundo Ramos et al. (2001), quando a realidade atravessa o sonho, a frustração e a desilusão preenchem os sentimentos da adolescente. Neste caso, parece que a família também está passando por momentos de desilusão e frustração.

### **3.1.5 A vida de Rosa**

Rosa tem 17 anos, na vigésima segunda semana de gestação. Seu estado civil é solteira, porém, reside com o companheiro, futuro pai de seu filho, depois da descoberta da gravidez. Ela não exerce nenhuma atividade profissional fixa e, com isso, contribui esporadicamente com a renda familiar, como diarista.

Seus pais são casados, e sua mãe não engravidou na adolescência. Rosa conversa com o seu companheiro sobre sexualidade, e diz ter participado de atividades pedagógicas ligadas à sexualidade durante o período que estudava. Ela relata que tinha 15 anos de idade quando perdeu a virgindade, sendo que quando isso aconteceu, com o atual companheiro e pai de seu filho, se considerava preparada para iniciar a vida sexual. Em relação aos estudos, ela abandonou o 3<sup>a</sup> ano do Ensino Médio em decorrência da gravidez.

No que diz respeito a descoberta da gravidez, Tulipa afirmou que sua primeira reação, foi conversar com sua melhor amiga:

*[...] “fiquei feliz em saber que seria mãe foi bastante emocionante pois era minha vontade e de meu marido termos o nosso primeiro filho me senti realizada quando descobri a gravidez...” (ROSA, 2016).*

No seu relato, ela demonstra sua satisfação pela descoberta, como sendo um desejo do casal que está sendo realizado. Segundo Gontijo e Medeiros (2008), a maternidade na adolescência é diretamente ligada ao sentimento de satisfação e alegria pessoal, e elas depositam no nascimento da criança uma expectativa nova de vida.

Percebe-se em relação à gravidez de Rosa, alguns aspectos relevantes, que estão interligados: a felicidade, realização de sonho pessoal, a dádiva divina; a modificação da vida individual e familiar, as relações de amor e carinho que a criança proporcionará.

A mãe adolescente deposita no filho, algo que preencherá um vazio emocional, propiciando um novo sentido à vida, cercado de sentimento puro de amor e carinho a esta criança e recebendo em troca o mesmo sentimento (GONTIJO; MEDEIROS, 2008).

No que diz respeito aos planos que tinha para o futuro, Tulipa afirmou que realizou o sonho de constituir uma família:

*[...] “eu sempre pensei em casar sempre foi o que pensava ter família o que mudou vou quando sai de casa e fui morar com meu esposo [...] (ROSA, 2016).*

A maternidade e o casamento, são afazeres femininos principais, constituindo assim a vocação das mulheres, qualquer atitude que contrarie será avaliada como uma anormalidade dessas funções sociais femininas (LOURO, 1997).

Rosa relatou sua rotina de casada, e as atividades exercidas por ela, e as restrições impostas por seu companheiro, apresentando em sua fala uma aceitação desse lugar diante da nova realidade:

*[...] “tenho que arrumar casa, fazer comida, lavar roupa, coisas que não fazia antes isso mudou bastante e também meu esposo não deixa eu fazer nada se não tiver mandado eu tenho que fazer o que ele pedi, pois é meu marido...” (ROSA,2016).*

Rosa relata sua nova realidade social, das atividades domésticas que anteriormente não realizava às condições que seu companheiro a induz, e seu pronto atendimento em atender a essas demandas.

Ao olhar para a fala da Rosa, remete - se ao que Heilborn (1997) aponta, que, ao tentar conhecer as diferenças entre as lógicas culturais, isso possibilitará compreender as características dos fenômenos inter-relacionados à reprodução e a sexualidade, e às relações de gênero. Para Bourdieu (1999), a carga relacional apresentada na família expõe, por meio das separações dos trabalhos em relação aos gêneros, são ao mesmo tempo, material e moral. Esse contexto simbólico profere de maneira íntima de idade e gênero, o que é constatado nas famílias, grupos de irmãos, entre pais e filhos, entre o mais novo e o mais velho, entre o casal na relação entre os gêneros.

### **3.2 “Estou grávida ... e agora, como será minha vida? ”**

Será apresentado neste tópico a segunda categoria organizada nesta pesquisa, abordando sobre a vivência da gravidez na adolescência. Para tanto, a seguir serão apresentadas e discutidas as quatro subcategorias em separado.

### 3.2.1 O (não) planejamento da gestação: os métodos contraceptivos e sua utilização pelas adolescentes.

Nos PCNs, as abordagens sobre a saúde reprodutiva sexual discutem temas como: menarca, tabus, crenças, métodos contraceptivos, namorar, “ficar” e dentre outros, trazendo também as ponderações referentes à gravidez não planejada, abordando métodos anticoncepcionais existentes e problemas biológicos relacionados à gestação na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis (OLIVEIRA et.al, 2008).

No que diz respeito aos métodos contraceptivos, as adolescentes relatam ter utilizado a pílula anticoncepcional, porém seus companheiros não utilizaram preservativos durante as relações sexuais, conforme os excertos:

*Ele não usou camisinha e eu parei de usar eu parei acabei parando de usar porque tava descendo menstruação mesmo jeito e eu acabei parando de usar e ele também continua fazendo sem camisinha [...]” (HORTÊNCIA, 2016)*

*[...] usava a pílula, mas quando eu parei e ele também não começou a usar a camisinha [...] (HORTÊNCIA, 2016)*

*A pílula era algo comum pra mim [...], sempre utilizei deste a primeira vez que desceu [...] (TULIPA, 2016).*

As diretrizes do Ministério da Saúde a respeito da atenção à saúde dos adolescentes são bons exemplos que justificam uma ação específica em relação às adolescentes, segundo Heilborn et. al (2006, p.13):

*[...] engravidam sem planejamento, entre outras causas, por falta de informações, difícil acesso a serviços especializados, desconhecimento de métodos anticoncepcionais e, muitas vezes, à procura de uma relação afetiva, de um objeto de amor ou somente devido à experimentação sexual. É preciso entender que a adolescente não pode assumir sozinha o risco de uma gravidez não planejada (HEILBORN et. al 2006, p.13)*

Podemos observar que as adolescentes conheciam e usavam a pílula contraceptiva. Porém, o uso de preservativo não era aceito pelo companheiro, como reforça Hortência em sua fala a seguir:

*Eu falava pra ele colocar a camisinha para não gozar dentro de mim então ele goza lá fora então não sei porque eu engravidei [...] (HORTÊNCIA,2016)*

Neste relato, a Hortência afirmou que argumentava com o companheiro o uso do preservativo, e dizia para não ejacular dentro dela na relação. Isto demonstra o desconhecimento da adolescente em relação à probabilidade da fecundação. Outro ponto relevante está na crença adquirida culturalmente de que não iria acontecer com ela.

As concepções da Hortência, que poderiam justificar tal comportamento, segundo Belo & Silva (2004), estariam ligadas à imaturidade ou à confiança no companheiro. No mesmo estudo, constata-se que em relação às adolescentes e seus companheiros, de que os meios mais comuns utilizados de métodos contraceptivos são os de uso oral e o preservativo (camisinha), respectivamente, comumente conhecidos e utilizados pelos adolescentes.

Em outras falas, as entrevistadas afirmam confiarem em seus companheiros, desobrigando o mesmo a não utilizar o preservativo durante as relações sexuais:

*Somos namorados, pra que usar [...], nunca usei [...] sempre que transei com ele sempre foi sem camisinha, e foi rápido pra eu engravidar e logo fui morar com ele e continuamos sem usar camisinha [...] nunca pedi pra que use [...] (VIOLETA,2016).*

*Eu nunca utilizei [...] ele usava camisinha [...] era a única coisa que a gente utilizava [...] depois acabamos parando, pois eu confio nele [...] (JASMIM,2016).*

*Ele falava que a gente namora não precisa usar camisinha né eu sempre fui me deixando né [...] (HORTÊNCIA, 2016).*

*Pedia pro meu esposo colocar camisinha [...] ele usava no início, depois não utilizamos mais [...], sempre dizendo que não era preciso [...] (ROSA, 2016).*

*Pílula o que mais eu usava [...] no começo usava camisinha comigo, depois disse que não precisava usar mais [...] eu deixei né [...] eu continuei usando a pílula era tranquilo [...] (TULIPA, 2016)*

Percebemos nos relatos acima, que é bastante comum nas relações amorosas dos casais, principalmente, no início do relacionamento se utilizar preservativos. Porém, após passar um determinado período, o homem fica desobrigado a usar. Tal fato, demonstra que é criada uma confiança entre o casal, que o uso do preservativo não se torna mais obrigatório nas relações sexuais. Segundo Heilborn et. al. (2006, p.77) “o contraceptivo interfere na relação amorosa, racionalizando-se, julgando a supressão do uso como uma prova de confiança mútua.”

Existem outros fatores para o não uso dos métodos contraceptivos, nas relações sexuais, sendo entre muitas alegações como: “esquecimento no momento da relação”, “simplesmente os parceiros não queriam utilizar”, “confiança no companheiro”, “não se importar em não utilizar”, “sem acesso aos métodos contraceptivos”, “não tiveram cuidado em prevenir-se”, “acham inconveniente tal método” e “acham o método contraceptivo dispensável”. Entre todos os motivos para não utilizar algum método contraceptivo, o mais conhecido é o “incomodo ao utilizar” (HEILBORN, et. al. 2006).

Pode-se dizer que há diferentes razões para acontecer uma gravidez não planejada, como a falta de programas de planejamento familiar oferecido na atenção básica de saúde ou a carência de educação sexual nas unidades de ensino (GILDEMEISTER, 1993). Quando isso acontece, as adolescentes gestantes entram em uma série de conflitos, não conseguindo agir perante a gravidez, nem refletir sobre qual atitude tomar perante a sociedade, e principalmente consigo mesma (GARCIA, 1992).

Em relação à questão do planejamento da gravidez, as adolescentes disseram o seguinte:

*Eu não planejei engravidar, aconteceu [...] não queria ser mãe naquele momento [...] (HORTÊNCIA, 2016)*

*Não foi planejado aconteceu [...] não tinha ideia de como seria ser mãe..., agora não tem jeito [...] (TULIPA, 2016).*

*Nunca pensei em ser mãe agora [...] eu queria estudar depois poderia ser [...] e agora como será a vida com uma criança [...] (JASMIM, 2016).*

*Não foi algo esperado [...] quando eu vi estava grávida [...] foi bastante rápido para engravidar [...] (VIOLETA, 2016).*

Podemos perceber nestas falas que não houve em nenhum momento qualquer tipo de planejamento ou mesmo desejo quanto à gravidez destas adolescentes. E, no caso da Violeta, nota-se até uma aparente ingenuidade quanto 'a rapidez para engravidar', indicando uma possível surpresa ou desconhecimento das consequências do ato sexual com seu parceiro.

Há uma série de possíveis complicações que uma gestação pode ocasionar em mulheres de até 19 anos de idade, por isso mesmo, esse tipo de gravidez é avaliada como de risco. Além da criança gerada ficar mais vulnerável, o corpo da adolescente pode sofrer danos inúmeros, pois os ossos da bacia estão em fase de finalização (MADU, 2000). Para além do fisiológico, há também os problemas psicológicos de uma gestante adolescente que são preocupantes, uma vez não preparadas para esta situação, há possibilidades de transtornos interpessoais como a questão da aceitação e apoio ou não da família, o abandono do parceiro e dos amigos e entre outros fatores que afetam diretamente a jovem.

É necessária a elaboração das políticas públicas na esfera da saúde sexual e reprodutiva, em especial quanto à prevenção, pois, muitos adolescentes, tornando-se pais e afirmam não ter planejado a gravidez. E que

de fato consideram um descuido ao método anticonceptivo, sendo que a prevenção é considerada algo secundário, estabelecendo a confiança como fator determinante pelos adolescentes para justificar a não utilização dos métodos (TACHIBANA; SANTOS; DUARTE, 2006).

Entre as entrevistadas, somente Rosa relata sua vontade de tornar-se mãe, e afirma ter planejado a gestação.

*Tinha sonho de ser mãe [...] a gente tinha decidido ter filho [...] era o planejamento quando começamos a namorar [...]* (ROSA, 2016).

Pode-se perceber que a gravidez no caso da Rosa, não foi um problema, mas um desejo do casal e nestes casos, talvez as consequências emocionais e sociais sejam amenizadas por ter sido um caso de desejo, escolha e fato.

### **3.2.2 O papel da família e sua importância no aceitar/acolher a adolescente gestante.**

Nas famílias, a descoberta da gravidez na adolescência, em sua maioria, é de difícil concordância, podendo ocorrer conflitos familiares, culminando em graves problemas às mães adolescentes (BAPTISTA, 2008). Pelas falas das entrevistadas, todas tiveram que enfrentar variados conflitos:

*Meu pai foi que mais falou comigo brigou comigo gritou comigo falou onde eu tava com a cabeça não sabia que era da minha responsabilidade não sabia de camisinha sua reação foi muito ruim [...]* (HORTÊNCIA, 2016)

*Meu pai ficou sem falar comigo por vários dias [...] minha mãe ficou louca...brigou muito comigo brigou brigou brigou [...] meus pais discutem dentro de casa, falando de mim... meu pai falava pra minha mãe que eu não soube criar sua filha direito, jogando na cara dela [...] você também engravidou na adolescência, e agora sua filha também, que belo exemplo de mãe você [...]* (TULIPA, 2016).

*Minha mãe ficou doida, disse que sou sem juízo que ela não iria cuidar de neto de mãe solteira, que ela cuidou sozinha pra criar cinco filhos que não iria mas cuidar de criança alguma [...] quando perguntou quem era o pai da criança, eu disse quem era, ela me xingou dizendo que ele tem idade para ser seu pai [...] já tem outros filhos, foi casado mais de duas vezes [...] não é homem que preste para se relacionar [...] (VIOLETA, 2016).*

*Meus pais não gostaram muito [...] foi bastante difícil eles compreenderem que sua filha estava grávida [...] (ROSA, 2016).*

Por outro lado, após o choque da notícia, com o tempo, há uma probabilidade de melhor 'aceitação' por parte dos familiares. Schwartz (2011) ressalta que poucas famílias aceitam naturalmente a gravidez na adolescência, buscando entender e compreender a situação com afeto. As entrevistadas relatam que:

*Depois meu pai e a minha mãe começo cobrar, mas de mim começou mi entender começou a cuidar de mim começou a falar para mim como é que é ser mãe como é cuidar de uma criança [...] (HORTÊNCIA, 2016)*

*Minha mãe está um pouco mais calma [...] vai na minha casa quando o meu esposo não está [...] me ajuda com as coisas do bebê, me da conselho de como criar uma criança os cuidados pra que não o machuque [...]. (VIOLETA, 2016).*

É possível identificar, no relato da Hortência, que ocorrem mudanças significativas nas práticas das relações familiares. E, a família atentou-se em cuidar do seu bem-estar físico, e se organizaram dando total suporte adequado à adolescente durante a gravidez.

A maioria das adolescentes entrevistadas está sendo acolhida pelos familiares e pelo companheiro, que facilita o processo de assimilação da mãe com o bebê nesta nova fase de vida, que é o papel da maternidade. Um ambiente acolhedor propiciará à mãe adolescente cuidar com carinho e zelo

da criança, além de ajudá-la a retornar aos estudos e aos planos anteriores a gravidez (SILVA, 2006).

A aceitação social da gravidez pela família, após o período de surpresa ao descobrir a gestação, vai demonstrando sentimentos de serenidade com expectativas boas em decorrência do nascimento do bebê (SILVA, 2006), conforme ocorreu com algumas adolescentes:

*Meu pai não gostou meu pai não concordou que estava acontecendo isso comigo, mas agora ele tá um pouco melhor do que tava no começo [...] (HORTÊNCIA, 2016)*

*“Minha mãe tá me ajudando muito, está me acompanhando no posto de saúde [...] (JASMIM, 2016).*

É nítido que a família não reagiu positivamente com o anúncio da gravidez da filha, por se tratar de uma notícia inesperada. Porém, percebe-se, que ao passar do tempo, a família passou a aceitar e se conformar com a ideia. Cada membro da família reagiu de uma maneira distinta, frente ao assunto, sendo natural a sobreposição de sentimentos de aceitação e revolta pelo inevitável.

### **3.2.3 “Quem ajudou a fazer vai ajudar a cuidar? ”: a presença/ausência paterna**

No que diz respeito à paternidade e o assumir a criança, os parceiros de quatro das cinco adolescentes entrevistadas, aceitaram e demonstraram ‘felicidade’ pela notícia, ao menos num primeiro momento:

*Na hora ele ficou feliz porque era o primeiro filho dele naquele momento ele ficou feliz em saber que eu estava grávida [...] (HORTÊNCIA, 2016)*

*Disse que iria assumir a criança [...], pediu pra morar com ele [...] eu aceitei a proposta pra evitar que o pessoal da*

*minha rua falasse mal de mim [...] pelo menos eu iria estar com o pai do meu bebê [...] (VIOLETA, 2016).*

*“Ele ficou no momento muito feliz alegre [...] queria ser pai [...]” (JASMIM, 2016)*

*“Muito feliz [...] está me dando muito apoio [...] comprando as coisas do bebê [...]” (ROSA, 2016).*

No momento da descoberta da gravidez, o pai passa a exercer mais de um papel ou função na conjuntura familiar como, por exemplo, o de ser protetor, companheiro, modelo, cuidador e entre outros. Pode-se dizer que permanecem as similaridades e também as diferenças entre o papel materno e paterno, no aspecto que, tanto a mãe quanto o pai cumprem as funções determinantes na conjuntura familiar. Ambos exercem papéis dentro da família como da educação dos filhos, mas aparecem em funções que os distinguem, conforme os aspectos sociais e culturais realizados na composição familiar (SARTI, 2007).

Compreender o processo de paternidade e maternidade é estabelecer período de ressignificação nas tomadas de decisões, por precisarem adotar um papel importante, ocorrendo readaptações e mudanças estabelecendo a função da responsabilidade. O homem, ao aceitar a paternidade, organiza sua vida social que precisa ser decodificada, pois atribui novo planejamento na trajetória de vida.

No entanto, o primeiro momento da ‘felicidade’ pela notícia da gravidez da parceira, pode desfazer com o tempo e os parceiros, futuros pais das crianças, podem afastar das adolescentes, demonstrando talvez, a não assimilação da nova realidade social, como percebe-se nos relatos abaixo:

*“Pois é [...] começo ele ficou feliz em saber que eu estava grávida [...], mas depois ao longo do tempo ele foi mudando e não tava mais tão perto de mim cuidar de mim não foi fazer o ultrassom comigo ele meio que se afastou de mim da minha casa da minha família [...]” (HORTÊNCIA, 2016).*

*“Este meio estranho, não fica mais perto de mim como antes [...] sempre tem coisa pra fazer e não conversa tanto comigo me da pouca atenção [...]” (JASMIM,2016).*

*“Sai pra festa sozinho tá complicado ele não tá mais presente como estava antes [...]” (VIOLETA,2016)*

Segundo Souza (2009), a paternidade passou por inúmeras modificações na sociedade ocidental, alterando a configuração do modelo patriarcal, dentre outros modelos distintos de paternidade. Portanto, à medida que as mudanças vão acontecendo na sociedade, concomitantemente o papel de pai vai se modificando.

Nas falas o que se percebe é o afastamento da imagem paterna, configurando um desinteresse do companheiro, no cuidado com a gestante adolescente. Essa imaturidade pode surgir em virtude das mudanças físicas da mulher, durante o período gestacional. Ou seja, o rapaz prefere sair de casa ao invés de permanecer acompanhando o processo de gestação de seu filho.

Existem homens que se sentem excluídos pelas companheiras, por elas se envolverem, emocionalmente e fisicamente com os bebês. Outros se aproximam da companheira, associando o bebê como uma consolidação da união amorosa do casal (KROB, PICCININI, SILVA 2009).

Outro fator extremamente importante está nas mudanças do corpo da gestante, aliadas aos sentimentos explicitados pelo homem, que precisam ser organizados e renegociados pelo casal, de maneira que possibilitem a constituição da identificação paterna, conjuntamente com outras facetas das características do homem (LACHARITÉ,2009). Esse afastamento, também pode ser em virtude da diminuição da atividade sexual, principalmente relacionado à ansiedade, cansaço, ou medo da mulher em realizar o ato sexual (KROB, PICCININI, SILVA 2009).

No caso de uma das entrevistadas, Tulipa, a não aceitação e o afastamento foi imediato ao evento da gravidez:

*Não foi boa [...] ele não queria ter mais filho [...] não quero saber de criança [...] ele disse que já tinha uma criança e não queria ser mais pai novamente [...] (TULIPA,2016).*

Neste caso, o parceiro da Tulipa tenta justificar sua negação e desaprovação da gravidez pelo fato de já ser pai em um relacionamento anterior, e de não querer ter mais filhos.

A gravidez afeta a relação dos casais, e no caso dos adolescentes, isso não é diferente. Com isso, podem surgir algumas 'soluções possíveis' para o advento dos filhos não planejado/desejado. Como uma união relâmpago quando se descobre a gravidez; a união posterior ao nascimento da criança; a separação do casal definitivamente ou parcialmente; o aborto ilegal, no episódio em que a relação do casal era instável ou quando o companheiro não arca com as responsabilidades da paternidade (BRASIL, 2008).

No entanto, no caso das participantes deste estudo, as soluções possíveis parecem ao menos até o momento, uma incógnita, pois aparentemente, há uma flutuação dos pais entre assumir a paternidade e a mãe, ao mesmo tempo, se afastando ou separando delas.

### **3.3 A adolescente gestante e a escola**

Será apresentado neste tópico a terceira categoria organizada nesta pesquisa, abordando sobre a vivência da gravidez na adolescência. Para tanto, a seguir serão apresentadas e discutidas duas categorias em separado.

#### **3.3.1 Gravidez na adolescência e o abandono escolar**

A defasagem escolar no Brasil, entre os adolescentes de 10 a 17 anos de idade, chega à média de 0,8 anos entre as garotas; e 1,2 anos entre os garotos. O contingente de estudantes brasileiros, em defasagem escolar, de ambos os sexos, envolve aproximadamente 71,8%. Em relação ao abandono escolar entre adolescentes de 10 a 14 anos de idade, apresenta percentuais

de 5,4%, porém entre os adolescentes de 15 a 17 anos de idade, os índices chegam a 22,3%.

Nessa mesma pesquisa é indicada que no caso de gravidez na adolescência, a defasagem do percentual chega a 29,5% e se relacionada com abandono escolar, atinge 40,1% das adolescentes (ALMEIDA, 2006).

As adolescentes pesquisadas fazem parte dessa estatística de abandono escolar. Em suas falas, no que diz respeito aos estudos, o abandono do mesmo foi devido aos preconceitos que sofreram por estarem grávidas:

*Parei de estudar a partir do momento que eu fiz o teste na farmácia eu parei de estudar fiquei com vergonha não queria que ninguém vê minha barriga crescendo as amigas o pessoal da escola fica apontando para mim como diferente me julgando falando mal de mim, né [...]* (HORTÊNCIA,2016)

*Eu parei de estudar, quando descobri a gravidez [...], as pessoas ficam olhando torto [...], o povo tem a língua grande, agora que estou grávida e um motivo de falar mal da gente [...]* (VIOLETA,2016).

*Quando confirmei que estava grávida, logo parei de estudar [...], as minhas amigas se afastaram de mim, dizendo que não sou uma boa companhia [...], não tenho vontade mais de estudar [...]* (JASMIM,2016).

*[...] eu não quero ficar ouvindo conversinha de ninguém [...] na escola tem gente de língua cumprida fica falando da vida dos outros... para evitar isso o melhor e ficar em casa [...]* (JASMIM,2016).

*“Engravidei e resolvi parar de estudar [...] não quero ver ninguém olhando estranho pra mim [...]* (ROSA,2016).

Destaca-se algumas das falas das adolescentes, como expressões: “[...] julgando e falando mal de mim [...]”; “[...] olhando torto [...]” e “[...] não sou uma

boa companhia [...]”. Estas foram atitudes observadas pelas entrevistadas que geraram certo desconforto ao ponto de abandonarem seus estudos.

Souza (2008) apresenta uma gama de situações cotidianas de preconceito, em que para além dos conceitos teóricos, se discute que há uma abrangência em conter elementos históricos, sociais e culturais. De qualquer forma, a autora indica que situações que envolvam “separação, reprovação e divisão; enfim, tudo o que leva um indivíduo a adotar valores e conceitos que o conduzam a fazer alguma forma de julgamento e desvalorização do outro”, já pode ser considerado uma atitude preconceituosa.

A vergonha por estar grávida, consequência pelos julgamentos das pessoas no convívio escolar, promoveu a interrupção dos estudos. A gestação, durante a adolescência é um forte indicador das possíveis razões de abandono escolar, diminuindo as oportunidades dessas adolescentes entre outras coisas, uma possibilidade mais justa de inserção na sociedade como cidadãs.

A instituição escolar poderia propiciar às gestantes grávidas um ambiente acolhedor que permitisse continuar seus estudos. O papel social que a escola desempenha dentro da comunidade, é importante e deveria apresentar ações afirmativas para ajudar essas adolescentes a permanecerem na escola, e assim, terminarem seus estudos. Também promover trabalhos de educação sexual tanto com estas para que não venham a engravidar novamente, quanto com todos os alunos, evitando outros possíveis casos de gravidez na adolescência.

As flores, Tulipa e Rosa afirmam que não pretendem retornar aos estudos, conforme apontam:

*“Minha mãe me expulsou de casa, meu pai separou da minha mãe [...] estou morando com a minha sogra [...] os estudos pra mim não faz sentido [...]”TULIPA (2016)*

*[...] “não quero saber de estudar... eu engravidei saí da escola e não pretendo voltar [...]” ROSA (2016)*

Nota-se que no trecho em que Tulipa afirma não continuar os estudos, por causa da separação dos pais e por não se sentir confortável para estudar, ratifica a importância social que a escola poderia desempenhar. A escola, a adolescente e a família são os três pilares de ligação que permitiriam a gestante uma tranquilidade e conforto, sem interrupção das atividades comumente desempenhadas pelas mesmas, antes da gravidez, sendo uma delas os estudos (SOUZA, 2001).

O Estado, por meio das políticas públicas eficientes, deveria assegurar os direitos das adolescentes, implantando programas educacionais e de saúde que pudessem reduzir os índices de abandono escolar, por decorrência da gravidez na adolescência. A atuação das escolas, diante da situação parece estar condicionada por ausência do diálogo entre os adolescentes, dos docentes e equipe gestora e pedagógica que poderiam atender a aluna grávida, de maneira especial, inserindo-a em um ambiente escolar, podendo assim, auxiliar e motivar na continuidade dos estudos.

Há leis específicas para isso, como o direito à licença gestante da adolescente e o acompanhamento da escola em suas atividades escolares, durante o período de afastamento legalmente justificado, Lei 6.202 de 17 de abril de 1975. A escola precisaria dar atenção a estas adolescentes com atitude acolhedora e no viés potencialmente humanístico, que favoreceria às adolescentes gestantes o direito fundamental à educação pública, de qualidade, mesmo e apesar da sua gravidez. No entanto, não parece ser este o caso, pois na fala das entrevistadas, pode-se observar certo abandono, além da desinformação de seus direitos:

*“Não me dá vontade estudar, não dá vontade de sair de casa, eu vou esperar passar a gravidez para ver se eu vou voltar a estudar ou não [...]” (HORTÊNCIA, 2016)*

*Eu quero esperar terminar a gravidez pra ver o que faço, se continuo estudar ou não [...]” (VIOLETA, 2016).*

*“[...] quando o nenê nasce eu vou ver se eu vou voltar a estudar [...]” (JASMIM, 2016).*

É evidente o constrangimento das entrevistadas gerado pela gravidez, e com isso, o isolamento social está inerente à sua condição atual de vida. Com pouca perspectiva de retornar aos estudos, e se o fizer, somente ocorrerá após o nascimento do bebê, a decisão de continuar os estudos vai sendo dificultada.

Segundo, a OMS (2010), considerando a perspectiva social, a gravidez na adolescência demonstra inúmeras implicações como: o abandono escolar, o isolamento social, a desestruturação familiar, as dificuldades na admissão ao mercado de trabalho, e conseqüente, a diminuição do padrão de vida. Nesta perspectiva a maternidade entre 15 a 19 anos implica “desvantagens sociais” para as adolescentes envolvidas:

Ter filhos... aumenta as chances de as mulheres de 15 a 19 anos envolverem-se em uma união, afastarem-se da escola e do trabalho para adaptar suas estratégias de vida a papéis relacionados à reprodução, assumindo os prejuízos causados por esse afastamento, e, dado o caráter instável dessas uniões, separarem-se (SOUZA, 1998, p.86).

Na mesma perspectiva, Souza (2001) afirma que, as adolescentes ao serem surpreendidas por uma gravidez, ocasionam transtornos psicológicos que podem gerar insatisfações, desajustes familiares e o abandono escolar.

### **3.3.2 A percepção da adolescente gestante sobre o papel da escola diante da Educação Sexual**

Conforme os PCN's, os temas sobre sexualidade apareceram como conteúdo a ser ensinado no ambiente escolar. Pelo contexto, por volta da década de 1980 houve alarmantes índices de crescimento de gravidez na

adolescência e o aumento do risco de contaminação pelo HIV da população jovem em especial. Tal temática nos dias atuais, deveria estar ainda muito mais inserida e capilarizada em todas as disciplinas, pois afinal, é na sala de aula que as crianças e os adolescentes buscam por respostas para sanar suas inquietações oriundas da sua identidade social e também individual, em permanente construção da sua trajetória por meio de narrativas e perguntas sobre o que é a vida (SILVA, 2011).

Dessa forma, a escola em todo o seu contexto, e não exclusivamente o professor de Ciências, é responsável por abordar uma perspectiva não simplista da sexualidade. Pressupõe-se que ao dialogar sobre a sexualidade em outras disciplinas, por meio das suas individualidades, seria garantido uma ampla abordagem em diversas vertentes sobre o tema (ALTEMANN, 2005, p. 19).

No que diz respeito à educação sexual, as entrevistadas Hortência, Jasmim e Rosa relatam a necessidade de trabalhar na escola sobre o tema, como observado nos excertos:

*A escola fala muito pouco eles (refere-se à escola) não prestam atenção nisso máximo a professora de ciências fala um pouco do órgão sexual masculino e feminino essas coisas [...] (HORTÊNCIA,2016).*

*[...] parar para falar ouvir a gente adolescente perguntar aquilo que a gente pelo menos tem dúvida a respeito de algumas coisas nunca parou para conversar [...]" (HORTÊNCIA, 2016).*

*A professora falava de doenças sexualmente transmissíveis [...], mas gravidez na adolescência ela nunca falou [...] falava de evitar doenças, mas evitar a gravidez nunca [...] (JASMIM,2016).*

*Lembro que a professora falava de Aids, essas coisas [...], teve vezes que a professora ficava com vergonha, das perguntas deixadas na caixinha das dúvidas [...], parecia que não sabia o que estava falando, ou tinha medo de responder aos alunos [...] eu acabava saindo com dúvidas [...] (ROSA,2016).*

As entrevistadas tecem críticas sobre a maneira como a educação sexual é abordada pela escola e a forma como a professora de Ciências vem trabalhando com o tema. Diante de tal fato, é imprescindível, adotar metodologias mais eficientes que possibilitem às adolescentes compreender as questões ligadas à sexualidade, gênero e corpo, na escola.

Para os adolescentes, seria muito bom se a escola explorasse mais sobre os temas ligados à educação sexual, pois existem inúmeras informações disponíveis, principalmente por meio eletrônico, que não são suficientes para minimizar as indagações que permeiam suas mentes. Entendemos que as escolas e as unidades de saúde necessitam trabalhar em conjunto, durante todo o período letivo, que visem à prevenção das DST, a gravidez na adolescência com orientações que propiciem uma vida saudável.

Em dois fragmentos das entrevistas, Hortência e Rosa referem-se à importância do esclarecimento das dúvidas, que poderiam quebrar alguns tabus e crenças existentes sobre a sexualidade. Porém, existem dificuldades ou falta de diálogo entre os estudantes e professores que podem causar desconforto e insegurança aos mesmos, e assim os adolescentes, neste caso, continuam sem saber sobre as questões ligadas a vida sexual.

O professor de Ciências, ao abordar educação sexual na sala de aula, precisa desfazer-se dos preconceitos atribuídos pela sociedade, que caracteriza a sexualidade como algo proibido. Sem utilizar-se do tom moralista perante o assunto, tratando o tema com naturalidade, respeitando sempre os limites etários e éticos.

Também é importante a formação do professor de Ciências, que durante o curso se faz necessário uma disciplina referente à educação sexual e suas especificidades, possibilitando posteriormente a discussão sobre o tema em sala de aula. O professor de Ciências não deve ser o único responsável a trabalhar a educação sexual, pois existem outros pontos que perpassam por todas as disciplinas do currículo escolar, como por exemplo, o tema gênero (DINIS; ASINELLILUZ, 2007).

Violeta e Tulipa apontam a necessidade de abordar com mais frequência às questões de métodos contraceptivos, e concomitantemente, aperfeiçoar as metodologias aplicadas em sala de aula:

*A professora sempre fala de doenças [...], sempre a mesma coisa, nunca muda [...], queria que fosse mais fácil de compreender [...], têm coisas que eu nem lembro mais [...]* (VIOLETA,2016).

*A escola lá de vez em quando durante as aulas, tinha alguma coisa a respeito de DST, prevenir essas coisas, mas era aula normal, não tinha nada de atrativo [...]* (TULIPA,2016).

Elas apontam a necessidade de repensar na esfera das políticas públicas educacionais, que proporcionam não apenas na direção de oportunizar os serviços, mas também de harmonizá-los, tornando-os eficientes. Ou implantar alternativas que possibilitem tal atendimento, que priorizem as “representações sociais”<sup>4</sup> existentes em cada região do país, conforme as peculiaridades desses adolescentes e suas concepções sobre a gravidez, sexualidade, maternidade e paternidade.

A escola, apesar dos inúmeros problemas existentes que enfrenta, é um ambiente favorável para promover a reflexão sobre este tema. Pois, refletir sobre a sexualidade é pensar no plano de vida e nas condições de buscar realizar seus sonhos, e obtendo uma realização individual, no entanto, a maternidade ou paternidade não planejada na adolescência, podem frustrar estes planos traçados. Mais que isso, ofertar informação a partir de um vínculo saudável entre professor e aluno, podendo promover também uma visão ampliada de possibilidades de vida. E, que não seja o único meio de ascensão

---

<sup>4</sup>São o conjunto de explicações, crenças e ideias que nos permitem evocar um dado acontecimento, pessoa ou objeto. Estas **representações** são resultantes da interação **social**, pelo que são comuns a um determinado grupo de indivíduos (SÊGA, 2000)

social, ou até mesmo, de sair de casa para se ter uma liberdade desejada, pela gravidez.

O papel da escola e dos educadores, deve ser sempre o de estimular os adolescentes a continuarem estudando e buscando melhores condições de vida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema adolescência vem sendo discutido com maior intensidade nos meios acadêmicos nas últimas décadas. São pesquisas realizadas nas disciplinas das Ciências sociais, saúde e educação, na tentativa de conhecer as inúmeras nuances inerentes dessa etapa de desenvolvimento da vida.

Atualmente, se fala e se pensa sobre a adolescência em diversos segmentos da sociedade, em virtude das mudanças que acontecem nas composições familiares e na sociedade, tornando de modo geral mais visíveis as dificuldades e problemas que englobam a tal temática. Pensar em discutir adolescência é tentar compreender as mudanças nas estruturas familiares como: comportamento, costumes, moda, consumo, sexualidade, papéis sociais, educação, autoridades paternas e maternas, entre outros.

Assim, dependendo da sociedade em que estes adolescentes se encontram, os novos desafios iniciam cada vez mais cedo. Inclusive, alguns conceitos vão surgindo como a pré-adolescência, em que as crianças de hoje se apresentam mais 'amadurecidas' fisicamente, tanto que a menarca nas meninas vem ocorrendo mais cedo. Entretanto, discutir esta fase do desenvolvimento humano, necessita de lugar urgente e presente não só na educação dos filhos, como também nas escolas.

Este estudo busca discutir uma das facetas desta complexa fase que é a gravidez na adolescência, que quando não planejada, pode trazer não só problemas fisiológicos, mas outras inúmeras dificuldades. De certa forma serão as adolescentes e suas famílias que terão pela frente diversos problemas, não só sociais, mas também muitas vezes econômicos, emocionais, escolares, interrompendo sonhos, frustrando planos individuais e familiares, podendo afetar também a própria criança que nascerá neste ambiente, talvez, já tenso e desequilibrado.

Este estudo focou na questão da gravidez na adolescência e a interrupção abrupta da vida escolar acarretando numa série de dificuldades quanto à inclusão e admissão ao mercado de trabalho.

Neste contexto, a gravidez na adolescência é considerada como uma causa que modifica o ciclo do desenvolvimento natural dos adolescentes, alterado pelas circunstâncias, por assumirem um novo papel na estrutura familiar. Como o de filha, conjugado em alguns casos, de esposa, mãe, e muitas vezes conflitantes com a perda quase que imediata do então 'lugar' de adolescente.

Existem, alguns pressupostos que apontam que a gravidez na adolescência contribui com a alteração do ciclo natural das adolescentes, compreendidos dentro do crescimento em diferentes instâncias de desenvolvimento, especialmente ligados a formação escolar, causando implicações na escolha da futura profissão.

Uma das primeiras mudanças na vida das adolescentes participantes deste estudo foi a saída da escola, por causa dos constrangimentos sofridos pela comunidade escolar, a vergonha perante as amigas e conhecidos, e também pela obrigação de assumirem o papel de mãe e de mulher, sendo que a maioria delas já residia com os seus companheiros. Ou seja, as adolescentes não são motivadas a estudar e, às vezes, não são estimuladas a retornarem os estudos após a gestação, nem pela família e nem pela escola.

A gestação na adolescência, e não há como negar, é vista como responsável pelo abandono da formação escolar das adolescentes, que propícia ao decorrer do tempo, uma condição desfavorável socioeconomicamente, mantendo-as em atividades econômicas precárias, e desfavoráveis. As adolescentes ao morarem com os companheiros, após a descoberta da gravidez, assumem um novo papel na constituição familiar.

As perspectivas contemporâneas atribuem às adolescentes que somente poderá ocorrer à maternidade após a mulher finalizar algumas etapas da vida adulta: a escolarização, carreira profissional, trabalho e casamento. Caso ocorra a gravidez antes desses processos, haverá uma possível ruptura na dinâmica do desenvolvimento familiar em geral pela decorrência de que, com o abandono escolar, a adolescente permanecerá dependente economicamente da família.

Porém, a gravidez na adolescência pode vir a ser planejada ou desejada pelo casal que aspira um novo status social, conquistando um objetivo de vida. O reconhecimento social que tais adolescentes esperam atingir via maternidade, está fortemente influenciada por estereótipos tradicionais femininos.

Existentes inúmeras situações em que as gravidezes são planejadas e desejadas pelas adolescentes, funcionando como um rito de iniciação a vida adulta. Porém, os casos de gravidez não planejada são atribuídos não pelo desconhecimento dos métodos de prevenção, principalmente pelo tradicional preservativo masculino. Mas, pela confiança mútua do casal e o compromisso de fidelidade de ambos, ou ainda, pela negação do uso da camisinha pelo parceiro, aumentando a vulnerabilidade das adolescentes não só quanto a engravidar, mas também de doenças sexualmente transmissíveis.

Entende-se que a adolescente grávida é apresentada sob a égide da vitimização. Os serviços públicos de saúde não são os únicos responsáveis em desempenhar o trabalho voltado aos adolescentes, mas sim, os serviços sociais, educação e seu representante a escola, as famílias e a própria sociedade, todos imbuídos em cuidar de nossos adolescentes.

Enfim, a maternidade é um componente muito valorizado relacionado ao que se entende por feminino, que se traduz por um ideal presente na sociedade brasileira de ter o primeiro filho bastante jovem (realidade encontrada nos países em desenvolvimento). Apesar dos índices das mulheres terem o primeiro filho após os 30 anos, vir crescendo em nosso país.

Neste cenário de atitudes e de papéis claramente atribuídos a cada um dos gêneros, as relações sexuais entre homens e mulheres são vividas como fruto da experimentação, passando a ser culturalmente pouco provável que uma primeira relação sexual seja discutida ou preparada. Nesta pesquisa duas adolescentes tiveram sua primeira relação sexual aos 14 anos, e as demais, com 15 anos de idade. E, quanto a estarem 'preparadas' para iniciar a vida sexual, três afirmaram que estavam preparadas, enquanto duas mencionaram que não estavam preparadas para a primeira relação. Assim, fica evidente que

a iniciação sexual feminina é, muitas vezes, barganhada pelos rapazes como “prova de amor” por parte dos parceiros.

Esse cenário é extremamente revelador do modo como às prescrições culturais hegemônicas, acerca do gênero, modelam a feminilidade em torno da maternidade e, a masculinidade sob o signo da sexualidade.

Finalmente, ao tratarmos o tema da gravidez na adolescência implica o mover-se entre múltiplas abordagens, que infelizmente não foi possível apontar todas nesta dissertação. Mas, sem dúvida será uma rica possibilidade em pesquisas posteriores, oriundas e distintas matrizes disciplinares, sem perder de vista o fio analítico que possibilita uma leitura crítica do fenômeno. Profundas mudanças operadas na acepção social das idades de gênero redefiniram as expectativas sociais depositadas nos adolescentes. Contornos singulares são conferidos a uma gestação que passa a ser considerada “precoce” no seio de um conjunto de representações sociais que projetam com um retrocesso e uma ameaça à concretização dos ideais contemporâneos aos adolescentes, pois o exercício da sexualidade não se encontra mais submetido ao casamento como fora outrora.

E desta forma, nós enquanto profissionais da educação, temos o dever de não nos abstermos do nosso papel de propagadores dessa pesquisa e da realidade que encontramos na cidade pesquisada. Mas, também de promover estratégias em parceria com profissionais da saúde para informar, discutir e provocar reflexões não só com os adolescentes no ambiente escolar, como também na sociedade como um todo. E, quem sabe, assim ajudar essas jovens não só a não abandonar as escolas, mas a terem o direito de vislumbrar e viver seus sonhos e planos de uma vida futura mais digna, independência da gravidez.

Melhor ainda será se nossas ações chegarem antes para que as adolescentes possam exercer a plenitude de sua juventude e desabrochar como lindas flores que são, no jardim da vida, que é repleto de espinhos, mas que podem ser superados através do perfume e das lindas paisagens que há.

## 5 REFERÊNCIAS

ABECHE, Alberto Mantovani. **A Gestante Adolescente e seu Parceiro: características do relacionamento do casal e aceitação da gravidez.** 80.f. Dissertação (Mestrado em Medicina: Clínica médica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Porto Alegre: UFRGS, 2002.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Teoria de la pseudocultura** In: Theodor Wiesengrund Adorno Escritos Sociológicos I, obra completa. 8 Madri: Ediciones Akal, S.A, p.139-178,2004.

ALDRIGHI, José Mendes; PETTA, Carlos Alberto. **Anticoncepção: manual de orientação** / editores. São Paulo: Ponto, p.308, 2004.

ALMEIDA, Maria da Conceição; AQUINO, Estela Maria Lima Leão, BARROS Antoniel Pinheiro. School trajectory and tee na gepregnancy in three Brazilian state capitals. **Cad. Saúde Pública.** 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2006000700005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700005) . Acessado em: 02 de out. 2015.

ALTEMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu.** Campinas, n.21, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104833320030002&lng=pt &nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104833320030002&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 22 de dez.2015.

ALTEMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 9, n.2, p. 575-585, 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>>. Acessado em: 22 de dez. 2015.

BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL (BNDS). **Políticas Públicas Educacionais e Desempenho Escolar dos Alunos da Rede Pública de Ensino.** Organizadores Reynaldo Fernandes. et.al. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC-Editora,2014.

BAPTISTA, Makilim Nunes; SOUZA, Mayra Silva; ALVES, Gisele Aparecida da Silva. Evidências de validade entre a Escala de Depressão (EDEP), o BDI e o

Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF). **Psico-USF** p.211-220, 2008.

BELO, Márcio Alves Vieira; SILVA, João Luiz Pinto. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. **Revista de Saúde Pública**, p.159, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489102004000400001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102004000400001)>. Acessado em: 22 de maio. 2016.

BERTOL, Carolina Esmanhoto; SOUZA, Mériti. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 824 – 839 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n4/v30n4a12.pdf>>. Acessado em: 10 ago.2016.

BLEICHMAR, Silvia. **Violência social – violência escolar**. Lapuesta de limites alaonstrucción de legalidades. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2008.

BONFIM, Claudia Ramos de Souza. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades**. 267f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

BORGES, Ana Luiza Vilela; SCHOR, Néia. Trajetória afetivo-amorosa e perfil reprodutivo de mulheres adolescentes residentes no Município de São Paulo. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.** v. 5, n. 2, p. 163-170, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151938292005000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151938292005000200004&script=sci_abstract&tlng=pt) Acessado em: 04 de maio.2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Área Técnica de Saúde de Adolescentes e Jovens. 2010. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br>>. Acessado em: 11 de abril 2016

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**/ Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012a. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_atencao\\_basica.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_basica.pdf) Acessado em: 11 de abril 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Normas de Orientação com Pesquisas com seres humanos. 2012b. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acessado em: 02 de fev. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde e Prevenção nas Escolas**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br>>. Acessado em: 20 de maio. 2016.

BRASIL. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. **Estatuto da criança e do adolescente** [recurso eletrônico]: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 11. ed. Brasília (DF): Câmara dos Deputados, Edições Câmara, p. 237 2014. (Série Legislação, 113). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/acessibilidade/legislacaopdf/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>>. Acessado em: 20 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde. **Sistema de Informações de Nascidos Vivos**, 2015. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>. Acessado em: 15 de maio. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica; Conselho Nacional da Educação; Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, p.562, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/indez.php?option=com\\_content&view=article&ide=12663&itemid=1152](http://portal.mec.gov.br/indez.php?option=com_content&view=article&ide=12663&itemid=1152)>. Acessado em: 10 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Área de Saúde do Adolescente e do Jovem**. Marco legal: saúde, um direito do adolescente. Brasília, 2007. < <http://www.saude.gov.br>>. Acessado em: 20 de maio. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Marco teórico e referencial. **Saúde sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens**. Série B Textos Básicos de Saúde. Brasília, 2007. < <http://www.saude.gov.br>>. Acessado em: 20 de maio. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).  
Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_atencao\\_saude\\_adolescentes\\_jovens\\_promocao\\_saude.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf)>. Acessado em: 17 ago. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < <http://www.mec.gov.br>>. Acessado em: 01 fev. 2016.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; SILVA, Conceição Vieira. Orientação Sexual para adolescentes: relato de experiência. **Acta Paulista de Enfermagem**. v 18, n.3, São Paulo, jul/set. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n3/a15v18n3.pdf>>. Acessado em: 22 de jul.2016.

BRUYNE, Paul; SCHOUTHEETE, Jacques Herman Marc. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**. 6. Ed. Rio de Janeiro; Francisco Alves, 1995.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores/Edgardo Castro; tradução Ingrid Muller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COMAZZETTO, Letícia Reghelin, et. al. A geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**.

Vol. 36 nº.1 p.145-157, Jan-Mar. 2016. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0145.pdf> Acessado em:  
03 abr. 2017.

COSTA, Maria Conceição; BIGRAS, Marc. Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 12, n. 12, p. 101-109, 2007. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n5/02.pdf>>. Acessado em: 19 jul. 2016.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DAMIANI, Fernanda Eloisa. **Gravidez na adolescência**: A quem cabe educar? Passo Fundo: UPF, 2005.

DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DESSER, Nanete Avila. **Adolescência, sexualidade e culpa**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, p.17-39, 1993.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Rev. Educar**. Curitiba: n. 30, Editora UFPR, p. 77-87, 2007.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005. Disponível em:  
<[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)>. Acessado em: 10 ago. 2016.

EISENSTEIN, Evelyn; COELHO, Karla. Crescimento e desenvolvimento puberal. In: BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde.

Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, 2008. (Série B – textos básicos da saúde). Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_adolescente\\_competencias\\_habilidades.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescente_competencias_habilidades.pdf)>. Acessado em 10 jul. 2016.

ESTEVES, Janine Raymundi; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Trajetórias de Vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. **Estudo de Psicologia**. V.10, n. 3, 63-70, 2005.

FERREIRA, Márcia de Assunção. et al. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde, **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, p. 217-244, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n2/a02v16n2>>. Acessado em: 10 ago. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 3. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *bullying*. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 16, n.1, p. 55-60, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/06.pdf> >. Acessado em: 11 de maio. 2016.

FRIZZO, Giana Bitencourt; KAHL, Maria Luiza Furtado; OLIVEIRA, Ebenézer Aguiar Fernandes. Aspectos psicológicos da gravidez na adolescência. **Rev. Psico**, v.36, n1, p. 13-20, jan/abr, 2005. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5161556.pdf>>. Acessado em: 15 dez.2016.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Participação cidadã de adolescentes e jovens (marco de referência)**. Brasília: UNICEF, p.90 2014. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/participacao\\_cidada2015i.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/participacao_cidada2015i.pdf)>. Acessado em 04 jul.2016.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **O direito de ser adolescente**: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Brasília: UNICEF, 2011. 182 p. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/br\\_sabrep11.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf)>. Acessado em: 02 jul.2016.

GARCIA, Telma Ribeiro. Maternidade na adolescência: escolha ou fatalidade. **Rev. Bras. Enfermagem**, v. 45, n. 1, p.44-53, 1992.

GILDEMEISTER, Solange Borba. **Prevenção da gravidez indesejada ou inoportuna**. In: HALBE, Hans Wolfgang. Tratado de ginecologia. 2. ed. São Paulo: Rocca, p.91, 1993.

GODINHO, Roseli Aparecida; et al. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Rev. Latino-am. Enferm**, v.8, n. 2, p. 25-32, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12414>. Acessado em: 15 de jun.2016.

GOMES, Romeu. et al. **Êxito na prevenção da violência**: avaliação de experiências de prevenção das violências. Brasília, São Paulo: Ministério da Saúde, FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, HUCITEC, 2010.

GONTIJO, Daniela Tavares; MEDEIROS, Marcelo. “Tava morta e revivi”: Significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. **Cadernos de Saúde Pública**, p.469-472, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000200026](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000200026). Acessado em: 12 de ago. 2016.

HEILBORN, Maria Luiza. **“O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro”**. In: MADEIRA, F. (org.). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Brasília, Rosa dos Tempos: UNICEF, 1997.

HEILBORN, Maria Luiza. et al. **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese de indicadores – 2009. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, p.288, 2010 a. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad\\_sintese\\_2009.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf). Acessado em: 22 abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, **Estatísticas do Registro Civil**. 2010b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2010/rc2010.pdf>>. Acessado em 10 de ago. 2016.

KROB, Adriane Diehl; PICCININI, Cesar Augusto; SILVA, Milena da Rosa. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. **Rev. Psicol USP**, p.269-291, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010365642009000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642009000200008). Acessado em: 04 de maio. 2016.

LACHARITÉ Carl. **L'expérience paternelle entourant La naissancesousl'angle Du discours social**. EnfancesFamillesGénérations. RevueInternationale p. 1-10, 2009 Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/efg/2009-n11-efg3879/044118ar>>. Acessado em: 10 de maio. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Almeida. **Metodologia científica**. 4. Edição. São Paulo: Atlas, 2006.

LEITE, Iúri da Costa. et al. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões sudeste e nordeste do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, mar/ abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2004000200015&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2004000200015&script=sci_abstract&tlng=es). Acessado em: 15 de jun.2016.

LÉVY-STRAUSS, Claude. **Aula inaugural**. In: ZALUAR, Alba. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p.211-244, 1975.

LOURO, Guacira Louro. *Corpos que escapam*. Labrys. **Estudos Feministas (Online)**, Brasília/Montreal/Paris, v. 04, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**- Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista /: Vozes, 1997.

MACEDO, Lídia Suzana Rocha. Regulação e emoções na pré-adolescência e influência da conversação familiar. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 29, n.2 p.133-140 Abr-Jun, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n2/02.pdf> Acessado em: 13 abr.2017.

MANDU, Edir Nei Teixeira. In **Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. RAMOS, Flávia Regina Souza; MONTICELLI, Marisa; NITSCHKE, Rosane Gonçalves (organização). Brasília: ABEn/Governo Federal, p.196, 2000.

MARRIEL, Lucimar Câmara. et al. Violência escolar e autoestima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 35-50, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0336127.pdf>. Acessado em: 10 ago. 2016.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado da Saúde. Departamento De Ações. **Departamento de ações à saúde de adolescentes jovens**. 2016.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da educação**: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Edições Loiola, 2000.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. N. 46, p.219-239, dez. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982007000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200009) Acessado em: 01 de ago.2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**./Maria Cecília de Souza Minayo. – 14 ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, Berenice Fialho. Terapia de família. In: BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde, p. 155-167, 2008. (Série B. Textos básicos da Saúde). Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_adolescente\\_competencias\\_habilidades.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescente_competencias_habilidades.pdf). Acessado em 20 abr. 2016.

NICKNICH, Mônica. Direito Penal Juvenil: A negação da cidadania ao adolescente. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. XI n.49, 2008.

Disponível

em:<[http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=4173](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4173)>. Acessado em: 10 ago. 2016.

OLIVEIRA, Régia Cristina. Adolescência, gravidez e maternidade: percepção de si e a relação com o trabalho. **Revista Saúde e Sociedade**. Vol. 17, num.4. Agosto – 2008. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000400010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000400010&script=sci_abstract&tlng=pt). Acessado em: 21 de abr.2016.

OLIVEIRA, Thays Cristina. et al. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Rev.Bras.Enferm.** Brasília. v. 61, n. 3, p. 06-11, maio/jun. 2008. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672008000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000300005). Acessado em: 21 de abri. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Carta de Ottawa para a promoção da saúde** (Direção Geral de Saúde, Trad.). Versão Portuguesa Uma conferência Internacional para a Promoção da Saúde com vista a uma nova Saúde Pública, 21 novembro, Ottawa, Canadá qualitativa a modo de vida juvenis. Porto: Âmbar, p.17, 2010.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **La Salud Sexual y Reproductiva de los Adolescentes y los Jóvenes**: Oportunidades, Enfoques y Opiniones Washington, D.C.: OPS, 2008.

OZELLA, Sergio; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.38, p. 97 - 127 2008. Disponível em

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133.pdf>>. Acessado em: 02 ago. 2016.

PARO Vitor Henrique. **Parem de preparar para o trabalho**. Trabalho apresentado no Seminário – Trabalho, Formação e Currículo II, realizado na PUC-SP de 24 a 25/08/1998 e publicado. In: FERRETTI, Celso João et.al (Org). Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola. São Paulo,

Xamã, p.101-120, 1999. Disponível em:  
<[https://social.stoa.usp.br/articles/0016/3148/Vitor\\_Paro\\_Parem\\_de\\_preparar\\_para\\_o\\_trabalho.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0016/3148/Vitor_Paro_Parem_de_preparar_para_o_trabalho.pdf)>. Acessado em: 05 de ago. 2016.

PERSONA, Lia; SHIMO, Antonieta Keiko Kakuda; TARALLO, Maria Celina. Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, v. 12, n. 5, p.45-50, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692004000500007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692004000500007). Acessado em: 11 de jun.2016.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano; HUNGLER, Bernadette P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n.2, p. 247-256, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05.pdf>>. Acessado em: 10 ago. 2016.

RAMOS, Flávia Regina Souza. **Bases para uma re-significação do trabalho de Enfermagem junto a(o) adolescente**. In: *Adolescer, compreender, atuar, acolher*. Brasília – DF: ABEN – Ministério da Saúde. p.11-18. 2001.

RAMOS, Flávia Regina Souza et al. **Viver e adolescer com qualidade**. In: *Adolescer, compreender, atuar, acolher*. Brasília – DF: ABEN - Ministério da Saúde, p.19-32. 2001.

ROEHRS, Hellen; MAFTUM, Mariluci Alves; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 421-428, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n2/26.pdf>>. Acessado em: 01 maio. 2016.

ROZENBERG, Riva. **Práticas contraceptivas de adolescentes brasileiras: análise da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde 2006**. 2010. 91f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e da Mulher) – Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

RUMBERGER, Rumberger W. **Whys tudents drop out of school**. In: Gary. Orfield (Ed.), Dropouts in America: Confronting the graduation rate crisis. Cambridge: Harvard Education Press p. 131-155, 2006.

RUZANY, Maria Helena. Atenção à saúde do adolescente: mudança de paradigma. In: BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde, p.21-25, 2008. (Série B. Textos Básicos da Saúde). Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_adolescente\\_competencias\\_habilidades.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescente_competencias_habilidades.pdf)>. Acessado em 20 abr.2016.

SANT'ANNA, Maria José Carvalho. **Gravidez na adolescência um problema de saúde pública**. In: Psico.pedagogia OnLine, 2009. Disponível em: <<http://www.universia.com.br.html>>. Acessado em: 20 abr. 2016.

SANTROCK, John W. **Adolescência**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho. Um estudo sobre o mural dos pobres**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHWARTZ, Tatiane; VIEIRA, Renata; GEIB, Lorena Teresinha Consalter. Apoio social a gestantes adolescentes: desvelando percepções. Ciênc. **Rev. Saúde Coletiva**. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232011000500028](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232011000500028). Acessado em: 25 de ago.2016.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 101-108, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf>>.Acessado em: 20 ago. 2016.

SEGÂ, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovivi. Anos 90, Porto Alegre, n13 julho, 2000. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf> Acessado em: 07 maio. 2017.

SILVA, Otoniel Álvaro. **Educação sexual no ensino de Ciências: um estudo com foco nos professores.** /Brasil. Curitiba, 2011, 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

SILVA, Lucía; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. **Rev.Latinoam.Enferm** [Internet]. p.199-206, 2006. Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/14261/texto%20Gravidez%20na%20Adolesc%20C3%A4ncia.pdf> . Acessado em: 13 de jun.2016.

SILVA, Mirian Pacheco. **Memórias de professore (as) sobre sexualidade e o currículo como narrativa.** 182 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

SOLIMAN, Ashraf. et al. Advances in pubertal growth and factors influencing it: can we increase pubertal growth? **Indian Journal of Endocrinology and Metabolism**, Mumbai, v.18, p. 53-62, 2014. Supplement 1. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4266869/>>. Acessado em: 10 de jun. 2016.

SOUZA, Isabela Augusta Andrade Souza. O preconceito nosso de cada dia: um estudo sobre as práticas discursivas no cotidiano. – São Paulo, 2008 (**Tese de Doutorado**). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SOUZA, Vera Lúcia Costa. O aborto entre adolescentes. **Rev. Latino-Americana de Enfermagem**. Ed.9, p. 42-47, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692001000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692001000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acessado em: 05 ago.2016.

SOUZA, Carmen Lúcia Carvalho; NENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. **Rev. Padéia**. Ribeirão Preto. vol.19 n.42, p. 97-106, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103863X2009000100012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103863X2009000100012&script=sci_abstract&tlng=pt). Acessado em: 01 de mai.2016.

TACHIBANA, Miriam; SANTOS, Laíse Pontério; DUARTE, Claudia Aparecida Marchetti. **O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada.** *Psyche*, p.149-167, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141511382006000300010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382006000300010)>. Acessado em: 15 ago.2016.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**/Augusto Nivaldo Silva Trivinos. – 1. Ed. – 23 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Adolescent health. WHO, 2015. Disponível em: <[http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/en/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/)> Acessado em: 04 ago. 2016.

YAZLLE, Marta Edna Holanda Diógenes. Gravidez na adolescência. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v.28, n.8, p.43-44, ago, 2006. Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010072032006000800001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010072032006000800001). Acessado em: 09 de jun.2016.

## 6 ANEXO

### Anexo I – Declaração dos Direitos Sexuais.



#### DECLARAÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS

**Reconhecendo que direitos sexuais são essenciais para o alcance do maior nível de saúde sexual possível, a Associação Mundial para a Saúde Sexual:**

**DECLARA** que direitos sexuais são baseados nos direitos humanos universais que já são reconhecidos em documentos de direitos humanos domésticos e internacionais, em Constituições Nacionais e leis, em padrões e princípios de direitos humanos, e em conhecimento científico relacionados à sexualidade humana e saúde sexual.

**REAFIRMA** que a sexualidade é um aspecto central do ser humano em toda a vida e abrange sexo, identidade e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A Sexualidade é experienciada e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre expressadas ou sentidas. Sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais.

**RECONHECE** que a sexualidade é uma fonte de prazer e bem estar e contribui para a satisfação e realização como um todo.

**REAFIRMA** que a saúde sexual é um estado de bem estar físico, emocional, mental e social relacionado à sexualidade; não é meramente a ausência de doença, disfunção ou enfermidade. Saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa para com a sexualidade e relacionamentos sexuais, bem como a possibilidade de ter experiências sexuais prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação ou violência.

**REAFIRMA** que a saúde sexual não pode ser definida, compreendida ou operacionalizada sem uma profunda compreensão da sexualidade.

**REAFIRMA** que para que a saúde sexual seja atingida e mantida, os direitos sexuais de todos devem ser respeitados, protegidos e efetivados.

**RECONHECE** que direitos sexuais são baseados na Liberdade, dignidade e igualdade inerente a todos os seres humanos e incluem o compromisso de proteção contra danos.

**AFIRMA** que a igualdade e não discriminação são fundamentais à proteção e promoção de todos os direitos humanos e incluem a proibição de quaisquer distinções, exclusões ou restrições com base em raça, etnia, cor, sexo, linguagem, religião, opinião política ou outra qualquer, origem social ou regional, características, status de nascimento ou outro qualquer, inclusive deficiências, idade, nacionalidade, estado civil ou familiar, orientação sexual e identidade de gênero, estado de saúde, local de residência e situação econômica ou social.

**RECONHECE** que a orientação sexual, identidade de gênero, expressões de gênero e características físicas de cada indivíduo requerem a proteção dos direitos humanos.

**RECONHECE** que todos os tipos de violência, perseguição, discriminação, exclusão e estigma, são violações dos direitos humanos e afetam o bem estar do indivíduo, famílias e comunidades.

**AFIRMA** que as obrigações de respeitar, proteger, e consumir direitos humanos se aplicam a todos os direitos sexuais e liberdades.

**AFIRMA** que os direitos sexuais protegem os direitos de todas as pessoas na plena realização e expressão de sua sexualidade, usufruindo de sua saúde sexual, desde que respeitados os direitos do próximo.

## **Direitos sexuais são direitos humanos referentes a sexualidade**

### **1. O Direito a igualdade e a não discriminação.**

Todos têm o direito de usufruir dos direitos sexuais definidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer tipo, seja raça, etnia, cor, sexo, linguagem, religião, opinião política ou outra qualquer, origem social ou regional, local de residência, características, nascimento, deficiência, idade, nacionalidade, estado civil ou familiar, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, estado de saúde, situação econômica, social ou outra qualquer.

### **2. O Direito a vida, Liberdade, e segurança pessoal.**

Todos têm o direito à vida, liberdade e segurança, que não podem ser ameaçadas, limitadas ou removidas arbitrariamente por motivos relacionados à sexualidade. Estes incluem: orientação sexual, comportamentos e práticas sexuais consensuais, identidade e expressões de gênero, bem como acessar ou ofertar serviços relacionados à saúde sexual e reprodutiva.

### **3. O direito a autonomia e integridade corporal.**

Todos têm o direito de controlar e decidir livremente sobre questões relativas à sua sexualidade e seus corpos. Isto inclui a escolha de comportamentos sexuais, práticas, parceiros e relacionamentos, desde que respeitados os direitos do próximo. A tomada de decisões livre e informada, requer consentimento livre e informado antes de quaisquer testes, intervenções, terapias, cirurgias ou pesquisas de natureza sexual.

### **4. O direito de estar isento de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante.**

Todos devem estar isentos de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante em razão de sua sexualidade, incluindo: práticas tradicionais nocivas; esterilização, contracepção ou aborto forçado; e outras formas de tortura, tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes praticados por razões relacionadas ao sexo, gênero, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, ou característica física de alguém.

### **5. O direito de estar isento de todas as formas de violência ou coerção.**

Todos deverão estar isentos de violência e coerção relacionadas à sexualidade, incluindo: Estupro, abuso ou perseguição sexual, "bullying", exploração sexual e escravidão, tráfico com propósito de exploração sexual, teste de virgindade ou violência cometida devido à prática sexual real ou presumida, orientação sexual, identidade e expressão de gênero ou qualquer característica física.

### **6. O direito à privacidade.**

Todos têm o direito à privacidade relacionada à sexualidade, vida sexual e escolhas inerentes ao seu próprio corpo, relações e práticas sexuais consensuais, sem interferência ou intrusão arbitrária. Isto inclui o direito de controlar a divulgação de informação relacionada à sua sexualidade pessoal a outrem.

### **7. O direito ao mais alto padrão de saúde atingível, inclusive de saúde sexual; com a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras.**

Todos têm o direito ao mais alto padrão de saúde e bem estar possíveis, relacionados à sexualidade, incluindo a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras. Isto requer a disponibilidade, acessibilidade e aceitação de serviços de saúde qualificados, bem como o acesso a condições que influenciem e determinem a saúde, incluindo a saúde sexual.

### **8. O direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações.**

Todos têm o direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações em relação à sexualidade e saúde sexual.

### **9. O direito à informação.**

Todos devem ter acesso à informação cientificamente precisa e esclarecedora sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais através de diversas fontes. Tal informação não deve ser arbitrariamente censurada, retida ou intencionalmente deturpada.

### **10. O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora.**

Todos têm o direito à educação e a uma educação sexual esclarecedora. Educação sexual esclarecedora deve ser adequada à idade, cientificamente acurada, culturalmente idônea, baseada nos direitos humanos, na equidade de gêneros e ter uma abordagem positiva quanto à sexualidade e o prazer.

**11. O direito de constituir, formalizar e dissolver casamento ou outros relacionamentos similares baseados em igualdade, com consentimento livre e absoluto.**

Todos têm o direito de escolher casar-se ou não, bem como adentrar livre e consensualmente em casamento, parceria ou outros relacionamentos similares. Todas as pessoas são titulares de direitos iguais na formação, durante e na dissolução de tais relacionamentos sem discriminações de qualquer espécie. Este direito inclui igualdade absoluta de direitos frente a seguros sociais, previdenciários e outros benefícios, independente da forma do relacionamento.

**12. O direito a decidir sobre ter filhos, o número de filhos e o espaço de tempo entre eles, além de ter informações e meios para tal.**

Todos têm o direito de decidir ter ou não ter filhos, a quantidade destes e o lapso de tempo entre cada criança. O exercício desse direito requer acesso a condições que influenciam e afetam a saúde e o bem-estar, incluindo serviços de saúde sexual e reprodutiva relacionados à gravidez, contracepção, fertilidade, interrupção da gravidez e adoção.

**13. O direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão.**

Todos têm o direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão relativos à sexualidade, bem como o direito à expressão plena de sua própria sexualidade, por exemplo, na aparência, comunicação e comportamento, desde que devidamente respeitados os direitos dos outros.

**14. O direito à Liberdade de associação e reunião pacífica.**

Todos têm o direito de organizar-se, associar-se, reunir-se, manifestar-se pacificamente e advogar, inclusive sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais.

**15. O direito de participação em vida pública e política.**

Todos têm o direito a um ambiente que possibilite a participação ativa, livre e significativa em contribuição a aspectos civis, econômicos, sociais, culturais e políticos da vida humana a nível local, regional, nacional ou internacional. Em especial, todos têm o direito de participar no desenvolvimento e implantação de políticas que determinem seu bem-estar, incluindo sua sexualidade e saúde sexual.

**16. O direito de acesso à justiça, reparação e indenização.**

Todos têm o direito ao acesso à justiça, reparação e indenização por violações de seus direitos sexuais. Isto requer medidas efetivas, adequadas e acessíveis, assim como devidamente educativas, legislativas, judiciais, entre outras. Reparação incluiu retratação, indenização, reabilitação, satisfação e a garantia de não repetição.

\*\*\*

Esta é a tradução oficial da Declaração dos Direitos Sexuais. Para fins legais e técnicas, deve-se consultar a versão em Inglês como o texto oficial: : <http://www.worldsexology.org/resources/declaration-of-sexual-rights/>

A "World Association for Sexual Health" (WAS – Associação Mundial pela Saúde Sexual) é um grupo mundial multidisciplinar de sociedades científicas, ONGs e profissionais do campo da sexualidade humana que promove a saúde sexual por toda a vida e em todo o mundo através do desenvolvimento, promoção, e apoio à sexologia e a direitos sexuais para todos. "WAS" realiza tais objetivos, através de ações de defesa e integração, facilitando a troca de informações, ideias, experiências e avanços científicos baseados na pesquisa da sexualidade, educação e sexologia clínica, com uma abordagem multi disciplinar. A declaração de direitos sexuais da WAS foi originalmente proclamada no 13º Congresso de Sexologia em Valencia, Espanha em 1997 e então em 1999, uma revisão foi aprovada em Hong Kong pela Assembleia Geral da WAS e reafirmada na "Declaração WAS: Saúde Sexual para o Milênio (2008)". A presente declaração revisada foi aprovada pelo Conselho Consultor da WAS em Marco de 2014.

## Anexo II–Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DE MATO GROSSO - UNEMAT



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** RELATOS DE MÃES ADOLESCENTES, E O ABANDONO ESCOLAR DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL, NO MUNICÍPIO DE JACIARA ESTADO DE MATO

**Pesquisador:** Jaime Marques Ferreira Júnior

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 55684216.2.0000.5166

**Instituição Proponente:** Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

**Patrocinador Principal:** FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.726.846

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado, do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, Campus de Barra do Bugres. O objetivo desta pesquisa é investigar, a partir do relato de 10 mães adolescentes, durante o período gestacional, com idade entre 15 e 17 anos, os aspectos que levaram ao abandono escolar, durante o período gestacional enfocando se aconteceu a educação sexual, durante as aulas de ensino ciências período que frequentaram a escola. Serão utilizados questionários investigativos, constatando o conhecimento das adolescentes sobre métodos contraceptivos, além das entrevistas, com dez histórias relatadas, para investigar os aspectos relacionados a gravidez possivelmente não planejada pelas adolescentes. A análise será pautada em categorias temáticas, sendo elaboradas a partir dos relatos das adolescentes. Os resultados serão apresentados em duas partes. A primeira diz respeito a quem são as mães adolescentes que participaram deste estudo: concepções sobre sexualidade; percepções sobre a história de educação sexual que receberam na família; relatos sobre as fontes de informações sobre sexo, vida sexual e reprodutiva; conhecimento sobre métodos contraceptivos, e os motivos que levaram abandonar, os estudos durante o período gestacional. A segunda parte diz respeito aos aspectos relacionados à gravidez na adolescência, e como as participantes atribuem a escola o papel, educacional de promoção a educação sexual, se acolheu ou ignorou a estudante após a

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

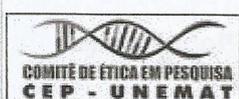
Bairro: Cavahada II

CEP: 78.200-000

UF: MT Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 1.726.846

descoberta da gravidez neste período da vida, a partir de relatos sobre suas vidas pessoais.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

- Investigar, os aspectos que levaram mães adolescentes ao abandono escolar, durante o período gestacional, e a influência da escola durante este processo.

**Objetivo Secundário:**

- Identificar a existência de educação sexual, nos planos políticos pedagógicos das escolas estadual, e se os mesmos são aplicados em sala de aula.
- Analisar o nível de conhecimento sobre métodos contraceptivos das adolescentes grávidas;
- Investigar as mães adolescentes, na vida sexual e reprodutiva;
- Analisar as justificativas, relatadas pelas adolescentes, que resultaram na gravidez e abandono escolar no período gestacional.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Na pesquisa consta:

**Riscos:**

Os riscos das adolescentes na realização da pesquisa proposta se tratam de uma coleta de dados, por meio de entrevista a qual englobam perguntas, referentes aos dados pessoais. Algumas perguntas podem causar constrangimento, por se tratar de um assunto que aborda questões relacionadas à vida íntima. Porém, o ambiente de realização das perguntas permitirá a preservação do sigilo das informações prestadas, minimizando assim possíveis constrangimentos.

**Benefícios:**

Espera-se que o benefício, seja o conhecimento dos fatores que influenciam a gravidez na adolescência, e em qual perfil de adolescente há um risco aumentado de engravidar. Almeja-se que este estudo possa servir de referência para que o poder público, realize ações de educação sexual junto as adolescentes, com intuito de prevenir a gravidez nesta fase da vida, diminuindo os índices de gestação na adolescência no município de Jaciara.

- A pesquisa apresenta garantia de que danos previsíveis serão evitados, como preconiza a resolução 466/2012. Fazendo a ponderação, como preconiza a resolução 466/2012, entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos.

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

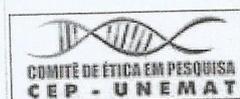
CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 1.726.846

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

#### Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_690703.pdf	16/08/2016 10:42:40		Aceito
Outros	Declaracao_Instituicoes.PDF	16/08/2016 10:39:31	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Outros	Termo_de_Consentimento_Responsavel.pdf	16/08/2016 10:36:20	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Outros	Termo_de_Assentimento_Adolescente.pdf	16/08/2016 10:35:10	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista.pdf	16/08/2016 10:33:26	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Declaração do Patrocinador	Declaracao_Patrocinador.PDF	16/08/2016 10:32:45	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095  
Bairro: Cavalhada II  
UF: MT Município: CACERES  
Telefone: (65)3221-0067

CEP: 78.200-000

E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 1.726.846

Outros	Oficio_de_Encaminhamento.PDF	08/04/2016 19:40:45	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Outros	Declaracao_de_Responsabilidade_da_Equipe_em_Colaborar_com_a_Pesquisa.PDF	08/04/2016 19:39:46	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Outros	Declaracao_de_que_a_coleta_dos_dados_nao_foi_iniciada.PDF	08/04/2016 19:38:38	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Outros	Declaracao_de_Responsabilidade_do_Pesquisador.PDF	08/04/2016 19:34:05	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso_das_Instituicoes_Envolvidas_do_Estudo.PDF	08/04/2016 19:32:39	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLA_Termo_de_Consentimento_Livre_Esclarecido.PDF	08/04/2016 19:29:46	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Jaime_Marques_Ferreira_Junior.pdf	08/04/2016 19:27:24	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.PDF	08/04/2016 19:26:38	Jaime Marques Ferreira Júnior	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CACERES, 14 de Setembro de 2016

Assinado por:  
Luciana Melhoraça Moreira  
(Coordenador)

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095  
Bairro: Cavalhada II CEP: 78.200-000  
UF: MT Município: CACERES  
Telefone: (65)3221-0067 E-mail: cep@unemat.br

## 7 APÊNDICE

### Apêndice I- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

#### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (ADOLESCENTE)

Sou, Jaime Marques Ferreira Junior, aluno do Curso de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, pela UNEMAT. Estou realizando, neste momento, um trabalho sob orientação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabela Augusta Andrade Souza, com o título “**RELATOS DE MÃES ADOLESCENTES, E O ABANDONO ESCOLAR DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL, NO MUNICÍPIO DE JACIARA ESTADO DE MATO GROSSO**”.

Você está sendo convidada como voluntária a participar dessa pesquisa, para que possamos investigar, os aspectos que levaram mães adolescentes ao abandono escolar, durante o período gestacional, e a influência da escola durante este processo.

Você será esclarecida em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se da pesquisa. Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você ou o seu responsável poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade, o pesquisador garantirá que irá proteger a sua identidade e seus dados com total sigilo.

Os **riscos** da sua participação na realização da pesquisa proposta se tratam de uma coleta de dados, por meio de entrevista a qual englobam perguntas, referentes aos dados pessoais. Algumas perguntas podem causar constrangimento, por se tratar de um assunto que aborda questões relacionadas à vida íntima. Porém, o ambiente de realização das perguntas permitirá a preservação do sigilo das informações prestadas, minimizando assim possíveis constrangimentos. Espera-se que o **benefício**, seja o conhecimento dos fatores que influenciam a gravidez na adolescência, e em qual perfil de adolescente há um risco aumentado de engravidar. Almeja-se que este estudo possa servir de referência para que o poder público, realize ações de educação sexual junto as adolescentes, com intuito de prevenir a gravidez nesta fase da vida, diminuindo os índices de gestação na adolescência no município de Jaciara. O presente estudo irá cumprir as normas estabelecidas na Resolução nº. 466/2012 (Regulamenta Pesquisa com Seres Humanos) e Lei nº. 8.069 de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e Adolescente).

Todas as informações prestadas durante a entrevista estarão à sua disposição quando quiser. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Caso precise entrar em contato comigo, informo-lhe meu nome e endereço, a seguir:

<p><b>Nome: Jaime Marques Ferreira Júnior.</b> Rua: 01 n.02 Cohab São Raimundo 78.390-000 Barra do Bugres-MT Telefone: (66) 9607-6818 – E-mail: jaimemarques20@gmail.com</p> <p><b>ATENÇÃO: Para informar qualquer questionamento durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da</b></p>
--

Universidade Estadual de Mato Grosso. Endereço: Avenida Tancredo Neves, 1095  
Cavallhada 2 - Fone: (65) 3221-0067 – E-mail: [cep@unemat.br](mailto:cep@unemat.br) - CEP: 78.200-000  
Cáceres, MT

Eu, \_\_\_\_\_, fui informada dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de minha participação. Tendo o consentimento do meu responsável, declaro que concordo em participar desse estudo. Estou consciente dos riscos, dos benefícios que minha participação poderá implicar e para isso eu **DOU MEU ASSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADA OU OBRIGADA**. Receberei uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Local, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL)

Sou Jaime Marques Ferreira Junior, aluno do Curso de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, pela Unemat. Estou realizando, neste momento, um trabalho sob orientação da Prof<sup>a</sup>-Dr<sup>a</sup>. Isabela Augusta Andrade Souza, com título “**RELATOS DE MÃES ADOLESCENTES, E O ABANDONO ESCOLAR DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL, NO MUNICÍPIO DE JACIARA ESTADO DE MATO GROSSO**”.

Estamos convidando sua filha (esposa ou representante legal), a participar de uma pesquisa, que tem como objetivo “investigar, os aspectos que levaram mães adolescentes ao abandono escolar, durante o período gestacional, e a influência da escola durante este processo”. A participação da adolescente, é importante, porém, o (a) senhor(a) não deve autorizar a participação dela contra sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Você será esclarecida (o) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se da pesquisa. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade, o pesquisador garantirá que irá proteger a sua identidade e seus dados com total sigilo.

Os **riscos** da adolescente na realização da pesquisa proposta se tratam de uma coleta de dados, por meio de entrevista a qual englobam perguntas, referentes aos dados pessoais. Algumas perguntas podem causar constrangimento, por se tratar de um assunto que aborda questões relacionadas à vida íntima. Porém, o ambiente de realização das perguntas permitirá a preservação do sigilo das informações prestadas, minimizando assim possíveis constrangimentos. Espera-se que o **benefício**, seja o conhecimento dos fatores que influenciam a gravidez na adolescência, e em qual perfil de adolescente há um risco aumentado de engravidar. Almeja-se que este estudo possa servir de referência para que o poder público, realize ações de educação sexual junto as adolescentes, com intuito de prevenir a gravidez nesta fase da vida, diminuindo os índices de gestação na adolescência no município de Jaciara. O presente estudo irá cumprir as normas estabelecidas na Resolução nº 466/2012 (Regulamenta Pesquisa com Seres Humanos) e Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e Adolescente).

Todas as informações prestadas durante a entrevista, estarão à sua disposição quando quiser. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Caso precise entrar em contato comigo, informo-lhe meu nome e endereço, a seguir:

**Nome: Jaime Marques Ferreira Júnior.**  
Rua: 01 n.02 Cohab São Raimundo 78.390-000 Barra do Bugres-MT

Telefone: (66) 9607-6818 – E-mail: jaimemarques20@gmail.com

**ATENÇÃO: Para informar qualquer questionamento durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:** Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso. Endereço: Avenida Tancredo Neves, 1095 Cavalhada 2 - Fone: (65) 3221-0067 – E-mail: [cep@unemat.br](mailto:cep@unemat.br) - CEP: 78.200-000 Cáceres, MT

Consentimento da participação da adolescente

Eu, \_\_\_\_\_ fui informado (a) sobre a participação da adolescente no mencionado estudo e estando consciente, dos riscos e dos benefícios que a participação poderá implicar. Concordo em autorizar a participação da adolescente e para isso eu **DOU MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO (A) OU OBRIGADO (A)**. Receberei uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Local, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Responsável da Menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

### **Apêndice III – Roteiro das Entrevistas**

- 1- Qual foi a sua primeira reação quando descobriu que estava grávida? O que você sentiu?
- 2- O pai da criança, você conheceu na escola? Ou em outro ambiente social?
- 3- Qual foi a reação do pai da criança, ao descobrir sua gravidez?
- 4- Como está a sua relação com o pai da criança durante a gestação?
- 5- Como foi a reação de sua família no momento da descoberta da gravidez?
- 6- Como está a sua relação familiar durante a sua gestação?
- 7- Que tipo de apoio você está recebendo de sua família?
- 8- Você conhecia alguma forma de evitar a gravidez? Se sim, como você ficou sabendo? Se não, na escola, você nunca teve nenhuma aula ou informação a respeito de como evitar ou prevenir a gravidez?
- 9- Ainda sobre a escola, alguma vez você lembra se ter tido aulas de educação sexual, ou alguma disciplina onde abordassem diretamente esse assunto (sexualidade, prevenção de gravidez, etc.)?
- 10- Considera importante a existência dessas aulas sobre esse tema? Porque?
- 11- Alguma vez utilizou algum método contraceptivo? Qual? E seu parceiro usou ou usa também? Qual?
- 12- Como está sendo o planejamento de sua gravidez? O que mudou na sua vida com a gravidez?
- 13- Quem está apoiando e acompanhando você neste momento da gravidez?
- 14- Como estão seus estudos atualmente?
- 15 - Que planos você tinha para sua vida futura ... e que depois da gravidez, o que mudou em relação ao que você queria/pensava/imaginava e como isso foi mudado após a gravidez – ou nada mudou?